

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
FACULDADE DE PSICOLOGIA

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA CRISE AMBIENTAL

ELIS RAVELLI FELDMAN

Orientador: Talitha Ferraz de Souza

Trabalho de conclusão de curso como
exigência para a graduação no
curso de Psicologia

São Paulo
2008

Ofereço estas mal traçadas rinhas
Estas mal traçadas vinhas aos ex-caçadores
Que tiveram compaixão de suas vítimas

E por amar tanto o mato e os bichos
Conheceram o mato e os bichos
E porque existe uma maneira de
Amar sem matar

Como fazem os fotógrafos
A quem dedico estas mal traçadas,
Caprichadas linhas
Estas cem traçadas minhas
Já que dez traçadas tinhas

Te espero no chão macio da floresta
Com amor, com carinho
Com floresta e passarinho.

TOM JOBIM

AGRADECIMENTOS

À Bahia, pois a cada vez que lá piso, reforço minha crença e meu respeito à Natureza, suas forças e seus mistérios;

Aos meus pais, que sempre acreditaram e investiram em mim. Mesmo quando eu quis fazer uma revolução em casa, e decretei que todos parariam de comer carne e reciclariam o lixo;

A todos os meus professores de Psicologia Analítica, que despertaram em mim a ânsia incessante e infinita da busca por sentido;

Às matas, florestas, rios, animais da água, da terra e do ar, e a esses bichos-homens, que apesar de às vezes não acreditarem, fazem parte de todo o resto;

E aos que acreditam – vai lá entender... – que um mundo melhor ainda é possível.

ELIS RAVELLI FELDMAN – A Dimensão Simbólica da Crise Ambiental

Orientador: Talitha Ferraz de Souza

Palavras-chave: crise ambiental, consciência, simbólico.

RESUMO

O presente trabalho, de orientação junguiana, visa compreender as questões referentes à crise ambiental, numa perspectiva tanto concreta quanto simbólica. Vivemos numa sociedade desenraizada de suas origens naturais, que explora incessantemente seus recursos, e não se dá suficientemente conta dos danos e dos perigos de tal padrão de existência. Por que isso acontece? De onde surgiu? Essas são questões fundamentais para a compreensão desse fenômeno.

A Psicologia Analítica sempre se debruçou sobre o campo do simbólico, da busca pelo sentido mais profundo e fundamental dos fenômenos. O meio ambiente, que nos cerca a todos, também pode ser entendido como uma dimensão simbólica interna, que representa a Grande Mãe, trazendo consigo tudo que este arquétipo carrega, como fonte primeira de acolhimento e nutrição.

Nas sociedades pós-modernas, tanto meio ambiente - como dimensão do Feminino - quanto as próprias mulheres, e a *anima* dos homens, foram subjugadas, reprimidas. Foi necessário que desenvolvêssemos a habilidade de domar essas forças para que a consciência pudesse crescer e se desenvolver, mas fomos muito radicais nessa empreitada.

A Natureza passou a ser apenas recurso, e o Homem - e a energia masculina - ganharam a primazia sobre todas as outras formas de vida. Isso, no entanto, é insustentável a longo prazo, e já podemos observar hoje alguns indícios de quebra desse paradigma e, mesmo que ainda tímidas, construções de novos.

O trabalho busca fazer um panorama de nossa situação atual e procura as questões, e alguns ensaios de respostas, no campo da dimensão simbólica e arquetípica, proposta cuidadosamente por Jung e por seus seguidores.

SUMÁRIO

Introdução	05
Metodologia	11
Cap 1 – Um panorama sobre a crise ambiental	13
Cap 2 – Teorizações de Jung a respeito da relação Homem-Natureza...	22
Cap 3 – A Dimensão simbólica da crise ambiental	37
Cap 4 – Ciclo da Alteridade e Ciclo Cósmico	55
Cap 5 – Um exemplo do Ciclo da Alteridade nos dias de hoje	63
Considerações Finais	69
Referências Bibliográficas.....	71

INTRODUÇÃO

“Mas o que fazer para que o ser humano se veja também como parte do mundo natural? Para tanto, é preciso que ele observe a si mesmo enquanto observa o mundo” (MARIOTTI, 2000, p. 26)

Vivemos uma crise. Suas manifestações estão em todos os lugares em que um olhar mais apurado e sensível puder repousar. É uma crise profunda e completamente arraigada a nossa existência.

Segmentamos tanto o nosso conhecimento – o que não nego ter sido necessário na finalidade de dissecar, estudar, aprofundar, decompor – que não nos damos mais conta de que existe um colapso de todas as áreas, e que esses colapso estão profundamente e intimamente conectados, que são, como num prisma, faces de um mesmo fenômeno.

Nossa crise pertence à categoria da Consciência. Nos transformamos em seres desenraizados. Não cuidamos mais do nosso corpo, nem da nossa terra. Quando não cuidamos do nosso corpo, ficamos por nossa própria conta e risco. Quando não cuidamos da nossa terra, não estamos somente nos colocando em perigo, mas a todas as formas de vida presentes no planeta e – por que não? – a do próprio planeta também. Aí enfrentamos problemas éticos maiores do que a nossa própria Consciência consegue abarcar. E nem assim, conseguimos suspender tais padrões de existência. Claro, estamos inseridos numa civilização que não nos permite parar, refletir, escolher. É tudo muito rápido, flashes de produtos que devemos consumir para alcançarmos a felicidade eterna passam incessantemente por nossos olhos, assim como os néons e os pisca-piscas. O inimigo não é claro, declarado. Vivemos numa pseudo-democracia que não produz grandes tiranos, e que conseqüentemente não produz fortes grupos de resistência. É tudo difundido, amorfo, e acabamos por nos tornar *blasés*. Nos engajamos numa lógica de desenvolvimento que vai, literalmente, nos sufocar.

Nesse contexto, nos deparamos com uma realidade completamente caótica, em todos os âmbitos. No entanto, foco meu olhar em apenas uma dessas

dimensões – sem nunca esquecer sua inter-relação com todas as outras, já que a proposta aqui é pensar na transdisciplinariedade do conhecimento -, dimensão esta tão extensa, tão rica e ao mesmo tempo tão frágil, tão suscetível ao mais simples toque das mãos humanas. Falo da crise ecológica, da catástrofe ambiental iminente, que está batendo à nossa porta e aos nossos olhos. Falo do descuido. Falo da crença, especialmente dos países tropicais, e mais especificamente do nosso Brasil, de que os recursos são inesgotáveis, da ilusão de abundância que temos cada vez que deixamos a torneira aberta, jogamos comida fora, deixamos luzes acesas pela casa. Não é do mero desperdício que falo, mas do descolamento que fizemos das nossas origens, do não saber mais de onde vem o alimento que ingerimos, de não pensarmos em todo o processo que acontece até a energia chegar em nossas tomadas, da triste confirmação de tudo isso quando se pergunta a uma criança de onde vem o leite, e sua resposta é “da caixinha”.

Vivemos uma depressão crônica, que pode em parte estar ligada ao que fizemos com o mundo ao nosso redor, a uma espécie de culpa inconsciente pelo mal infligido ao planeta. E é essa depressão que abre caminhos para que a propaganda e o consumo desenfreado alcancem seu sucesso, pois recebemos constantemente a afirmação de que através destes, a felicidade pode ser alcançada, e de que a plenitude, afinal, existe. O problema é que a Terra não tem meios para sustentar uma sociedade de consumo do tamanho da nossa, pois assim teríamos de construir um shopping center do tamanho do planeta.

A tecnologia conectou o mundo, e todas as culturas seguem num ritmo alucinante, mas nenhuma delas tem força suficiente, seja ela econômico ou filosófica, para ser a dominante. Sendo assim, todas se enfraquecem, e todas estão fadadas a comportamentos históricos, segundo expressão de Hillman (1995), seja o fundamentalismo do Islã, seja a sociedade de obesos norte-americanos, viciados em televisão. Estamos prestes a presenciar a queda de nossa civilização, e isso não deixa de ser apavorante.

“Claro que não há como não ter tanto medo, ninguém pode se habituar às sirenes tocando a noite inteira, no fundo ninguém pode. Mas é o nosso momento histórico. Uma grande cultura, a cultura ocidental, está morrendo. (...) Ninguém sabe o que será. Os adeptos da Nova Era apostam num período maravilhoso; direita e esquerda temem que a outra “ganhe” a transformação; já os tecnocratas acham que vão reprogramar a humanidade. Mas a verdade é que ninguém pode controlar, e tentar fazer isso só aumenta a velocidade e os custos do declínio” (p. 210)

Já que estamos no campo do simbólico, não posso deixar de explanar sobre um pouco da mitologia existente nesse campo, e um vislumbre de como ela pode nos auxiliar nessa busca. Antes de qualquer coisa, deve ser dito que, em qualquer cultura que se expressa em mitos, a Terra é vista como a Grande Mãe, a dimensão máxima da *anima-mundi*, do feminino, do mundo sensível, do útero. Ela é provedora, é mãe dedicada, mas é ao mesmo tempo selvagem e indomável. Podemos pensar como essa imagem tem relação com o nosso olhar para a Natureza, e também para as mulheres. Quando a Natureza é vista como Grande-Mãe, a adoramos e sacralizamos e o fazemos também com as mulheres. Quando a natureza é vista como mais um recurso a ser explorado, entramos no ideário patriarcal, na era *yang*¹, e a terra é subjugada, assim como também o são as mulheres. Podemos perceber esse movimento, por exemplo, com as posturas de desdém quanto à conservação das florestas, e com o ímpeto desenvolvimentista de cada vez queimar mais terra para fazer pastagens e áreas agricultáveis.

No entanto, creio que, apesar dos mitos de Criação e da Deusa-Mãe terem sido engolidos pela “evolução” do ser humano, e terem dado lugar a outros, eles não foram totalmente esquecidos. Ainda existe uma aura de mistério ao redor da relação das mulheres com a terra, dos ciclos femininos, e o homem sempre buscou formas de se relacionar e explicar essas duas estranhas e fascinantes forças: a mulher e o mundo. Na verdade, a nossa própria civilização foi pautada em conhecimentos relacionados ao feminino, como na agricultura, por exemplo:

¹ Termo proveniente do Taoísmo, significa essencialmente energia masculina: atividade, criatividade, iniciativa, potência.

“nas sociedades agrícolas, uma nova percepção ou solução foi proporcionada pela lição do próprio mundo vegetal, que está de alguma maneira relacionado com a lua, a qual também morre e ressuscita, e, além do mais, influencia, de alguma forma misteriosa ainda desconhecida, o ciclo lunar do útero”. (Campbell, 1964, p. 31)

A abordagem psicológica escolhida para pautar a pesquisa sobre esse momento que atravessamos foi a da Psicologia Analítica, pois creio ser esta a que mais repertório tem pra significar tais fenômenos. Segundo Hirata (2006), a interpretação de Jung dos fenômenos psíquicos teve, desde os primórdios, salpicadas do movimento ecológico. Jung nunca quis tratar dos fenômenos da Natureza através de uma visão materialista. Segundo Jung, a humanidade busca no divino, na imago Dei, algo perdido de sua natureza primordial, a propriedade que é comum a todos os seres humanos e que foi abandonada com o desenvolvimento. Então, o ser humano busca a Grande-Mãe, o espírito da espécie, e se sente pertencente a um todo, à massa, ao coletivo.

Este é o problema de Anteus², que só preserva sua força gigantesca quando em contato com a mãe terra. Esse temporário recuo para dentro de si-mesmo, o qual, como vimos, significa uma regressão para a ligação infantil com os pais, parece atuar de modo favorável, dentro de certos limites, sobre a condição psíquica do indivíduo.

(Jung apud HIRATA, 2006)

Quando produziu esse texto, o conceito de Self na proposta teórica da Psicologia Analítica ainda não havia sido elaborado, e o autor identifica o inconsciente com a mãe.

“Pela amplificação desses símbolos (sol, água, mar, cidade, árvore, serpente, peixe, cavalo, lua, mariposa, espada, mãe, falo, etc), Jung

² Anteus, filho de Poseidon e Gaia. Herói extremamente forte quando em contato com o chão, porém perdia toda sua força se fosse levantando ao ar.

formula um conceito inovador de natureza que re-une cosmos e psique, matéria e espírito. A re-união das naturezas 'exterior' e 'interior' rompe decisivamente com o materialismo dentro *versus* fora, que define o meio ambiente como aquilo que está ao redor do indivíduo, exterior ao corpo, para denotar uma dimensão intercambiável" (HIRATA, 2006, p. 44)

As florestas pedem socorro. Os rios pedem socorro. As espécies ameaçadas pedem socorro. Alguns de nós também pedem socorro. Qualquer um que aguçar um pouco os seus sentidos, e olhar os fenômenos, naturais e sociais, com uma postura (auto) crítica, sentir o cheiro da queima das nossas florestas, sentir o gosto de fuligem no ar, ouvir o escoamento de nosso esgoto em rios e mares cheios de vida e sentir na pele, seja através do calor excessivo de nossas cidades, ou do sol que queima quando deveria aquecer e proporcionar vida, as mudanças que estão acontecendo bem debaixo do nosso nariz, saberá do que estamos falando.

Segundo Hillman (1995):

"E não é só a civilização que está morrendo. A natureza que conhecemos também parece estar morrendo – parece estar morrendo *porque* a civilização está morrendo. Usualmente entendemos isso ao contrário. Nossa tendência é pensar que a cultura está morrendo porque a natureza está morrendo, mas não, a natureza está morrendo porque a cultura está morrendo." (p. 220)

Como não é possível isolar os aspectos psíquicos presentes em toda e qualquer obra humana, não posso me furtar de falar um pouco sobre as minhas motivações em escrever meu trabalho final da Faculdade de Psicologia sobre tais temas. Essa escolha, sem dúvida, revela coisas importantes sobre meus próprios valores, necessidades e crenças.

Desde pequena, as questões referentes a meio ambiente e ao cuidado do Homem com a Terra, me tocavam muito profundamente. Talvez por uma criação muito próxima à Natureza, e ao mesmo tempo, por uma educação desde cedo

muito crítica e reflexiva sobre o mundo ao redor, e também por um contexto histórico onde essas questões são levantadas, aliado a disposições psíquicas para tal, fui desde menina uma “eco-chata” (ou assim me chamavam). Com todo o aparato da teoria psicológica, absorvido e elaborado durante os cinco anos da graduação, senti que seria o momento de colocar todas essas certezas, dúvidas, inquietações e questionamentos no papel, e formar um combinado entre questões que sempre me moveram, e a teoria recém-descoberta como nova paixão, a Psicologia Analítica.

Conhecer é função psicológica, e sem dúvida recebe interferências da consciência segundo a qual opera; então eis aqui a minha pesquisa com todas as interferências da minha psique, e do contexto e tendências desse nosso tempo - o meu tempo.

E o psicólogo enquanto profissional, o que tem a ver com tudo isso? Ele carrega a responsabilidade do seu saber, e tem, ao meu ver, a missão de, com a sua prática, ajudar a construir um mundo melhor, de seres mais conscientes de si e do mundo que os cerca, com todas as suas contradições e vicissitudes, e também com suas belezas. Além disso, o psicólogo compreende a dimensão do simbólico, que é a chave para que possamos não só entender, mas trabalharmos em cima dessa crise.

Lembrando que o conhecimento sempre passa pelo filtro subjetivo, declaro que essas são teorizações minhas, logicamente fundamentadas com o auxílio de pensadores importantes da teoria, mas tendo um envolvimento com o tema escolhido, afirmo que não são verdades universais, mas uma tentativa de expressar o mundo, como ele me parece ser.

METODOLOGIA

Meu trabalho, ancorado nos fundamentos da Psicologia Analítica, busca compreender o sentido psicológico da crise pela qual estamos passando, na dimensão da questão ambiental. A proposta foi a de estudar essa crise, numa dimensão mais concreta, e depois integrá-la na totalidade do campo do simbólico.

No primeiro capítulo, fiz uma pequena explanação sobre o caráter concreto da destruição ambiental, utilizando para isso o físico de renome James Lovelock, que com sua Hipótese de Gaia, propõe um sistema de entendimento sobre as questões relativas ao aquecimento global de uma maneira nova e muito pertinente aos objetivos deste trabalho.

Considerarei de suma importância aprofundar os conceitos formulados por Jung, e as bases de sua teoria, tais como *Persona*, *Sombra*, *Anima-Animus*, *Self* e *Individuação*, já cuidando dos dados para que fossem apresentados em consonância com o tema em questão, isto é, escolhi falar desses conceitos à luz da constelação da relação Homem-Natureza como ela se dá hoje em dia, e esse trabalho constitui o capítulo dois. Para essa tarefa, utilizei os escritos do próprio Jung, e de alguns pós-junguianos, tais como Murray Stein, Nise da Silveira e Meredith Sabini.

No tocante às questões simbólicas referentes ao atual momento que vivenciamos, que dizem sobre nossa relação com a Terra, mas dizem também sobre a relação das pessoas entre si, no mundo atual, lancei mão de Edward Whitmont, um importante autor junguiano que estudou a fundo as questões de nosso tempo, e em seu livro “O Retorno da Deusa”, expõe delicadamente as questões dos *dinamismos matriarcal* e *patriarcal*, pilares fundamentais para a compreensão do ser humano e do mundo de hoje. Whitmont cuida muito da questão do Feminino, e propõe em sua obra que estamos em vias de alcançar um novo padrão de consciência, mas que só chegaremos lá se integrarmos toda a potência do Feminino em nossas vidas conscientes. Para contemplar também o *dinamismo da alteridade* e o *dinamismo cósmico*, no capítulo quatro, utilizei o autor brasileiro Carlos Byington.

Outro autor junguiano de suma importância para este trabalho foi James Hillman, que com suas ácidas e muitas vezes indigestas colocações, nos coloca em choque com a realidade, nos faz ver o que está exatamente à nossa frente, mas por termos sido treinados a não olhar, não conseguimos enxergar. Hillman talvez tenha sido a contribuição mais fresca, mais contemporânea de todas essas questões. A contribuição desses autores formata o capítulo três.

Existe uma saída? O ser humano se dá, de fato, conta dessas questões? É possível encontrarmos outras formas de habitar o planeta, que não sejam tão destrutivas a todos que nele habitam (inclusive a nós mesmos)?

Para me aproximar dessas questões, nos capítulos quatro e cinco, que pairam sobre todo o desenvolvimento do trabalho considere importante, por ser essa uma pesquisa de caráter junguiano, mostrar como elas se constelam na consciência coletiva nos dias de hoje. Para isso elegi um movimento recente que busca integrar todos esses questionamentos sobre como levamos a vida no mundo moderno, e como nos relacionamos com a Terra, chamado Permacultura; e através de uma breve explanação sobre seus métodos e sobre seu caráter simbólico, creio que ele se mostra como uma semente. Quem sabe não se transforme numa frondosa árvore?

CAPÍTULO 1 – UM PANORAMA SOBRE A CRISE AMBIENTAL

- O Conceito de Gaia

Nesse capítulo, proponho apresentar um panorama do que, segundo o meu olhar, vem acontecendo em nosso planeta, em termos objetivos, ou seja, que crise é essa sobre a qual pretendo investigar a dimensão simbólica. Para isso, me baseei no livro “A Vingança de Gaia”, de James Lovelock. O autor, um físico de renome, nos fornece uma rica explanação sobre as dinâmicas do clima nesse início de século, e, através de sua visão, o quanto o homem e seu fazer estão implicados nessas dinâmicas.

Para isso, partimos de um conceito, proposto por ele, o da “Hipótese de Gaia”. Gaia, deusa grega da terra, Mãe primeira de deuses e homens, é o termo eleito para falar da Terra viva, da proposta da Terra como um organismo que possui um mecanismo de auto-regulação altamente sofisticado, e que é duramente atingido quando o seu equilíbrio, a maneira como ele se auto-regula, é danificada.

“Gaia é um invólucro esférico fino de matéria que cerca o interior incandescente. Começa onde as rochas crustais encontram o magma do interior quente da Terra, uns 160 Km. Para fora através do oceano e ar até a mais quente termosfera, na fronteira com o espaço. Inclui a biosfera e é um sistema fisiológico dinâmico que vem mantendo nosso planeta apto para a vida há mais de 3 bilhões de anos. Chamo Gaia de um sistema fisiológico porque parece dotada do objetivo inconsciente de regular o clima e a química em um estado confortável para a vida. Seus objetivos não são pontos fixos, mas ajustáveis a qualquer meio ambiente atual e adaptáveis às formas de vida que mantenha” (Lovelock, 2006, p. 27)

Graças a esse conceito, podemos perceber a unicidade de nosso planeta. Marte e Vênus podem ser considerados planetas mortos, pois se aquecidos até temperaturas elevadíssimas, permanecem inalterados. A Terra não. Ela possui

uma capacidade especial, a de regular seu clima e sua composição para que se mantenha um equilíbrio interno, confortável a todos.

Gaia é um sistema que comporta elementos animados e inanimados, e, segundo o autor, ela possui um mecanismo que se auto-regula em favor da vida, seja ela qual for. É uma espécie de controle sobre a homeostase do planeta.

- Informações Técnicas

Vivemos um período conhecido pela maioria como “aquecimento global”. O que significa isso? A rigor, aquecimento global é o aumento da temperatura média dos oceanos e do ar, na superfície da Terra. O último relatório do IPCC (Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas – criado pela ONU e pela Organização Meteorológica Mundial em 1988) informa que grande parte do aquecimento observado nos últimos 50 anos é muito provavelmente decorrente do efeito estufa, causado pelo aumento na atmosfera de gases estufa, de origem antropocêntrica. Isso quer dizer que nosso alto consumo de petróleo, aliado a emissões de outros gases, mais a destruição de ecossistemas naturais, tem levado a Terra a aumentar sua temperatura. Segundo Lovelock, o relatório do IPCC ainda não mostra as situações imprevistas, como enchentes, queimadas, tempestades, que sem dúvida ocorrerão. As mudanças climáticas serão fortíssimas, e não temos como prever de que tipo. “Os meteorologistas suíços calculam que as chances de que não passe de um período quente atípico sejam de uma em 300 mil.” (Lovelock, 2006, p. 66)

A Terra, para se auto-regular, possui alguns mecanismos de resfriamento. Um deles, e dos mais importantes, é a presença de algas no oceano, que necessitam que a temperatura das águas seja baixa. Essas algas são depositários de dióxido de carbono, e fazem o papel de retirá-lo do ar. Com a expansão da superfície morna dos oceanos, as algas ficam privadas de nutrientes e morrem, deixando as águas descobertas, o que diminui seu efeito resfriador, e faz a temperatura subir. O mesmo acontece com a retirada das florestas, que mantêm o

clima e sequestram carbono. A produção de nuvens³, através de organismos marinhos, também ajuda a reduzir o calor, mas como não temos cuidado dos oceanos, essa produção também pode estar em perigo. Esses mecanismos são chamados de *feedback* negativo, pois refreiam o aumento da temperatura. Por enquanto, Gaia ainda está sendo capaz de regular a produção de nuvens e gelo, que mantêm a Terra resfriada, mas esse equilíbrio é delicado e já mostra sinais de grande fragilidade. Com a nossa dura investida contra o equilíbrio físico-químico de Gaia, através da poluição excessiva, do desaparecimento do gelo do Ártico, e da destruição das florestas tropicais, os calores extras sofrem um processo onde são vertiginosamente aumentados, isto é, os efeitos se tornam cumulativos.

“(...) quase todos os sistemas que sabidamente afetam o clima estão agora em *feedback* positivo. Todo acréscimo de calor de qualquer fonte será ampliado, em vez de enfrentar resistência, como seria de esperar em uma Terra sadia (...) o ritmo do aquecimento global sugere que não existe um *feedback* negativo grande o suficiente para contrabalançar o aumento da temperatura” (p. 42-43)

É importante dizer que, se analisarmos segundo a quantidade de vida em diferentes eras da Terra, esta parece ser mais abundante em eras frias. Uma Terra quente tem uma vida oceânica mais pobre, restringida às bordas dos continentes, e áreas desérticas mais extensas.

Segundo consta, as algas possuem um limite de colapso, que é cerca de 500 partes por milhão (ppm) de dióxido de carbono. Se seguirmos com nossos

³ “Um estudo empírico que utilizou a teoria Gaia como base e contribuiu para fortalecer a teoria de Lovelock se ocupou da relação entre algas oceânicas, que liberam o gás sulfeto de dimetila (DMS), e a formação de nuvens sobre os oceanos. As nuvens, por serem brancas, refletem boa parte da radiação solar que vem do espaço, esfriando a superfície oceânica e o planeta como um todo. A partir dessa constatação, Lovelock e colaboradores propuseram o que ficou conhecido como hipótese CLAW (pela junção dos nomes dos autores do artigo em que ela foi apresentada). Esta hipótese propõe que o resfriamento da superfície oceânica causado pelas nuvens leva a uma queda na liberação de DMS pelas algas, o que, por sua vez, reduz a taxa de formação das próprias nuvens. Isso permite que mais radiação solar atinja a superfície oceânica, o que, supostamente, causa maior liberação de DMS pelas algas, fechando assim o ciclo. Os autores da hipótese propõem, então, que há um mecanismo de controle do clima, baseado numa alça de retroalimentação negativa que conecta algas e nuvens ao resto da biosfera.” (<http://br.answers.yahoo.com/question>)

índices de crescimento, os estudos mostram que atingiremos esse nível em cerca de quarenta anos. Essa cifra significa também o derretimento do gelo da Groenlândia, que, se ocorrer, pode elevar o nível do mar em até um metro. Se assim for, milhões de pessoas, habitantes de cidades costeiras, ficariam sem teto, e o resto do mundo teria de se ocupar em lhes dar abrigo e comida. Citado por Lovelock, Steve Connor, o editor de ciência do jornal britânico *Independent*, afirmou em 16 de setembro de 2005 que vários climatologistas declararam que o derretimento da calota polar ártica estava tão acelerado que já podemos ter passado do momento reversível. Se isso acontecer, poderemos esperar um aumento maior do nível do mar.

Como possuímos cerca de 6 bilhões de indivíduos sobre a Terra, precisamos de muita terra para alimentar a todos. E como estamos crescendo cerca de 2,4% ao ano em países em desenvolvimento e 0,8% ao ano em países desenvolvidos, teremos que cada vez utilizar mais terra. Na realidade, já estamos cultivando mais solo do que o nível sustentável para Gaia. Mesmo com a adoção da agricultura orgânica, cultivar a terra inteira para alimentar pessoas seria suicídio, e parece que é a isso que estamos rumando. Os ecossistemas naturais da Terra servem para regular o clima do planeta, e não para serem transformados por nós em terras agricultáveis.

Isso quer dizer que não só estamos acrescentando gases geradores de efeito estufa na atmosfera, como também estamos danificando os mecanismos que Gaia possui para regular essas adversidades.

“Temos pela frente um calor desenfreado, cujas consequências se farão sentir em no máximo uma década. Deveríamos estar nos preparando para um aumento do nível do oceano, ondas de calor quase insuportáveis como aquela da Europa Central em 2003 e tempestades com uma força sem precedentes. Deveríamos estar preparados também para surpresas, eventos mortais, locais ou regionais, totalmente imprevisíveis. A necessidade imediata é assegurar e proteger fontes de

energia para manter acesas as luzes da civilização e para preparar nossas defesas contra a elevação do nível do mar” (p. 145)

Segundo o autor, mesmo que cessássemos agora de poluir o ar, queimar florestas, e explorar incessantemente as águas, Gaia levaria mais de mil anos para se recuperar. Mesmo que tomássemos essa medida drástica, a Terra ainda teria de passar por momentos de clima instável, secas tremendas, tempestades fortíssimas, falta de água, e elevação do nível do mar. E, ao que parece, não estamos nem perto de tomar tal medida.

- Discussão

Creio que o primeiro passo para lidarmos com essa crise, é questionar nossa arrogância. Deve-se postular que ninguém pode entender de tudo. O universo é um lugar extremamente complexo para nossas mentes humanas, e os esforços da Ciência são para se aproximar dos fenômenos, nunca apreendê-los por completo. Estamos começando a nos aproximar dos fenômenos do aquecimento global, que envolvem todas as dinâmicas existentes na Terra. É difícil, sem dúvida, mas não é por isso que podemos negar sua existência. E devemos abrir nossas mentes para receber novas informações, idéias e propostas, já que esse é um tema que implica a todos. Deve-se lembrar também, que conceitos como Deus e Gaia são amplos, não-rationais, e é difícil para nossas mentes abarcá-los. Então, é também através da função da intuição que devemos abordar tais temas, pois eles requerem um aprofundamento e um alargamento de nossas mentes.

Dito isso, coloca-se a questão da responsabilidade. A responsabilidade pelo que está acontecendo e pelo que virá a acontecer é nossa, nós infligimos danos imensos à Terra e ela está respondendo a isso. Segundo Lovelock, a existência de Gaia não corre perigo, ela já se recuperou de febres assim antes. O que de fato corre risco é a espécie humana, ou melhor, é a civilização. O ser humano provavelmente vai continuar existindo, mas 6 bilhões de pessoas sobre a Terra, nas condições em que isso se dá hoje em dia, está desequilibrando sensivelmente

o nosso planeta. Compartilhamos, todos, o erro de que mais desenvolvimento é possível.

“Na verdade, nem a fé em Deus, nem a confiança em deixar as coisas como estão, nem mesmo o compromisso com o desenvolvimento sustentável reconhecem nossa verdadeira dependência. Se deixarmos de cuidar da Terra, ela sem dúvida cuidará de si, fazendo com que não sejamos mais bem-vindos.”⁴ (p. 16)

A ideologia reinante em nossa sociedade industrial, capitalista e materialista, aliada à sede de crescimento econômico e a padrões de vida cada vez mais altos, com uma fé cega depositada nas possibilidades da ciência e da tecnologia, é ao longo prazo, inviável. Vibramos com as notícias de crescimento, com os planos de desenvolvimento, encaramos o aumento do barril de petróleo como algo dramático, e não como um bem-vindo refreamento de seu consumo, enfim, vivemos numa lógica que ainda não introjetou que já atingimos o limite da capacidade de nosso planeta, e que devemos sim, nos preparar para uma retirada.

Segundo o autor, a raiz do problema está na falta de estabelecimento de um limite para o crescimento da população. E essa é realmente uma questão complexa, pois não existe de fato, uma cifra que possa ser colocada. Esse número varia de acordo com a nossa ocupação na Terra, a maneira como ela se dá, e com o estado onde se encontra o equilíbrio de Gaia. Poderíamos existir harmoniosamente tendo 6 bilhões de habitantes no mundo, se tivéssemos reconhecido, desde o princípio, lá pela época da Revolução Industrial, um entendimento apropriado de Gaia. Saberíamos que a queima de combustível fóssil deveria ser limitada, e que a criação de gado para alimentar a todos é insustentável, já que demanda solo duas vezes (para abrigar o gado, e para

⁴ A Terra iria então, em mais um mecanismo de auto-regulação, modificar o seu clima, a fim de conter os danos e alcançar a homeostase perdida. Nesse movimento, ela se tornaria um lugar difícil para nossa espécie habitar, tornando, aos poucos a nossa sobrevivência no planeta, cada vez mais difícil. É importante lembrar que esse é um mecanismo natural, não é “intencional”, ou direcionado especificamente ao ser humano. Ela apenas estaria se regulando para atingir equilíbrios físico-químicos mais estáveis.

plantar o seu alimento). Poderíamos até ter mais habitantes sobre a Terra, se vivêssemos em cidades mais densas e sustentáveis do ponto de vista dos resíduos. Na maneira como nossa existência se dá hoje em dia, atingimos níveis de desequilíbrio que mostram que não controlamos mais o que se passa à nossa volta. Exemplos disso são os furacões de *New Orleans*, o *tsunami* da Indonésia, e as mudanças climáticas observadas por todo o mundo.

Creio ser importante discutir a responsabilidade que depositamos na tecnologia. Substituímos a fé em Deus pela fé na Ciência. E isso é extremamente perigoso em nossa atual conjuntura. Transferir toda a responsabilidade pela manutenção do meio ambiente e da saúde do planeta na Ciência é, em certa medida, retirar a nossa própria responsabilidade da pauta, num raciocínio de que nós, como simples indivíduos, nada temos a fazer diante de um problema tão grande, tão maior que nós e nossas ações cotidianas. É também perturbador porque não nos faz pensar no agora, nos autoriza a continuar na mesma dinâmica de destruição, porque cremos que lá na frente, quando a situação estiver de fato catastrófica, a Ciência se encarregará de achar uma solução.

É claro que temos medidas a tomar. Não se trata disso. Poderíamos cessar a emissão de dióxido de carbono e de gás metano, poderíamos empregar tecnologias de ponta, tais como para-sóis terrestres e espaciais, para refletir a luz solar, e tantas outras coisas. A questão é, nos encarregar de regular o clima terrestre, de remover constantemente gás carbônico do ar para que possamos respirar, é ter a responsabilidade de algo que não é nossa responsabilidade, e sim, de Gaia, que a realizou primorosamente durante bilhões de anos.

“(...) uma solução tecnológica, por mais benigna que possa parecer, tem o potencial de lançar a humanidade num caminho para a forma suprema de escravidão. Quanto mais interferimos na composição da Terra e tentarmos corrigir seu clima, maior nossa responsabilidade por manter a Terra um local adequado à vida, até que as nossas vidas inteiras acabarão consumidas na realização das tarefas penosas que Gaia realizou espontaneamente por mais de 3 bilhões de anos” (p. 144)

Essa fé cega nas habilidades da Ciência para refrear as catástrofes ambientais se baseia na idéia de que nós, seres pensantes, temos inteligência e capacidade suficientes para dirigir a Terra. Isso é perigoso. Podemos optar por esse destino, o das catástrofes, ou podemos fazer um planejamento de nossa ocupação de Gaia. Seja qual for a decisão, devemos sempre nos perguntar: quais são as conseqüências? Se continuarmos a pensar egoisticamente, na nossa própria sobrevivência e procriação, rumamos em direção à morte coletiva. Todos os genes de todas as formas de vida presentes em Gaia são incitados a sobreviver e se reproduzir. Se esse for o único critério de existência no planeta, e as únicas limitações forem a predação e a competição, viveríamos num caos geral, numa flutuação absurda de populações⁵, e numa incapacidade de sobrevivermos todos no mesmo espaço. Ao contrário disso, os ecossistemas naturais são dinamicamente estáveis, tal como o nosso corpo o é. A natureza tem suas formas de sobreviver, e se todas as espécies, apesar de tocadas pela presença desses genes egoístas⁶, e pelas leis gerais de seleção natural, conseguem achar meios de viver e conviver umas com as outras, por que nós, seres supostamente mais inteligentes, não conseguimos? Gaia atua dentro de um conjunto de limitações. Por que nós também não podemos atuar?

Por que somos tão lentos em perceber o dano que causamos?

Por que não pensamos em soluções a longo prazo?

Qual é o nosso papel em Gaia?

Essas são algumas das questões nas quais pretendo me aprofundar durante o desenvolvimento do trabalho. Tendo sempre em mente que esta não é uma busca de fins simplesmente acadêmicos, mas uma busca imbuída de engajamento numa

⁵ Referindo-se à flutuação de espécies, termo emprestado da Ecologia. Quer dizer uma variação no número de indivíduos de determinadas espécies, fenômeno este que acontece naturalmente dentro dos ecossistemas, de maneira organizada e integrada dentro daquela cadeia alimentar. No texto acima, refiro-me a uma flutuação caótica, desordenada, que só acontece quando aquele ecossistema se encontra em desequilíbrio.

⁶ Segundo a Teoria do Gene Egoísta, de Richard Dawkins, o gene seria a unidade fundamental da evolução. Todos os seres vivos seriam dotados de genes que tem por prioridade máxima sobreviver e se perpetuar. O gene estaria acima do indivíduo, isto é, ele é uma entidade imortal, enquanto os indivíduos não. Dawkins, no entanto, ressalta que o ser humano, e apenas ele, é a única espécie capaz de ir contra o seu gene egoísta. (Dawkins, 2001).

questão muito séria de nossa contemporaneidade, implicada com um conhecimento alargado do ser humano, de suas dinâmicas, e de seu papel no mundo construído e no mundo natural.

Capítulo 2 – Teorizações de Jung a respeito da relação Homem – Natureza

“Our task is not to return to Nature
in the manner of Rousseau,
but to find the natural man again”⁷
C.G. Jung

Este capítulo pretende fornecer um panorama sobre o que Jung escreveu em vida a respeito da relação existente entre Homem e Natureza, e sobre como podemos utilizar sua teoria para pensar nessa questão, a partir dos conceitos formulados por ele sobre o psiquismo humano. Para isso, utilizarei as contribuições de C.G. Jung, Nise da Silveira, Murray Stein, Edward Whitmont e Meredith Sabini.

Jung teve, desde o início de sua existência, uma atitude de encantamento e interesse pela união entre Natureza e Espírito, atitude essa que foi bastante desenvolvida no decorrer de sua vida. Essa atitude tornou-se depois uma certeza científica, no tocante ao que essa união poderia fazer para curar o desencantamento do homem moderno. Ele postulou a existência de um “homem arcaico”, que habita em níveis mais profundos ao da *persona*, e enfatizou a importância de levarmos em conta a história da humanidade, e o que nela, nós perdemos, ao menos em níveis conscientes. É importante ressaltar que por arcaico, ele não quer dizer velho ou ancião, mas na verdade, original.

Se prestarmos atenção a tudo que Jung teorizou a respeito da existência psicológica do ser humano, podemos perceber que a Natureza perpassa toda sua visão de homem: “(...) the old Idea that every country or person has its own angel, just as the earth has a soul”⁸ (JUNG apud SABINI, 2002). Jung se utiliza de palavras tais como alma, psique e espírito de maneira intercambiável; *Psyche* é

⁷ Tradução livre: Nossa tarefa não é retornar à natureza, à maneira de Rousseau, mas re-encontrar o homem natural

⁸ Tradução livre: “a velha idéia de que cada país ou pessoa tem um anjo, assim como a terra tem uma alma”

uma palavra grega que denomina alma, vida e respiração, ou seja, psique é a própria Natureza, no homem (SABINI, 2002).

A idéia de interconectividade atravessa toda a obra de Jung, especialmente no que diz respeito ao inconsciente coletivo, e ao conceito de sincronicidade. Sobre o inconsciente coletivo, Jung diz que ele é “identical with Nature to the extent that Nature herself, including matter, is unknown to us” (JUNG apud SABINI, 2002).⁹

Faz-se necessário, para entendermos essas questões, distinguir, nas teorizações de Jung, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal, segundo ele próprio, comporta os conteúdos referentes à vivência pessoal do indivíduo, que

“contém lembranças perdidas, reprimidas (propositadamente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência” (Jung, 1987, p. 58).

Já o inconsciente coletivo, seria desligado desse inconsciente pessoal, por ser ele totalmente universal. Para esclarecer ainda mais essa diferenciação, Jung coloca: “A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, *os restos da vida dos antepassados*”. (1987, p. 69).

Jung nos fornece uma contribuição para a compreensão dessa complexa estrutura:

“Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a esse substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de

⁹ Tradução livre: “idêntico à Natureza, no sentido de que a Natureza ela mesma, incluindo a matéria, é por nós desconhecida”

cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto”. (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p. 64)

Postulando esse conceito, Jung aproximou todas as culturas, e também, todas as formas de vida. Estaríamos todos conectados através de um fio ancestral, uma bagagem cultural e vivencial, que pertence não só a toda humanidade, mas a tudo que é vivo na Terra. Todos os seres carregariam em si, ao menos em potencial, toda essa bagagem. O próprio Jung diz isso em claras palavras:

“(...) os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos de funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem, cuja duração foi infinitamente maior do que a época relativamente curta do existir especificamente humano”. (JUNG, 1987, p. 89).

Seguindo o raciocínio de que o inconsciente coletivo, sendo desconhecido para nós, é igual à Natureza, esta, assim como o inconsciente coletivo, englobaria então, todos os arquétipos. Jung diz que são eles as manifestações dessa camada mais profunda da psique humana, e que lá habitam essas imagens primordiais, originárias e universais. Segundo Nise da Silveira, é muito importante desfazermos a idéia de que Jung propôs o conceito de arquétipo como imagens inatas do ser humano. Ele diz que:

“(...) arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma (...) Seja qual for sua origem, o arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando essa energia, em estado potencial, se atualiza, toma forma, então teremos a imagem arquetípica”. (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p. 68-69)

Os arquétipos seriam provenientes de experiências repetidamente vividas pela humanidade, em todas as eras e culturas. Seria uma espécie de “aptidão para reproduzir constantemente as mesmas idéias míticas” (JUNG, 1987, p. 61). É por isso que se faz possível observar temas parecidos em mitos, histórias, contos de fadas e rituais em diferentes culturas de diferentes períodos históricos. Os arquétipos porém, lembra o autor, não são apenas imagens impregnadas em nós de experiências anteriormente vividas, mas também possuem uma força própria, e tem uma tendência acentuada a se repetirem.

“Esta é a manifestação característica do arquétipo: uma espécie de força primordial se apodera da psique e a impele a transpor os limites do humano, dando origem aos excessos, à presunção (inflação!), à compulsão, à ilusão ou à comoção, tanto no bem como no mal” (JUNG, 1987, p. 62)

Como possuem enorme força, os arquétipos têm extraordinário poder para influenciar a consciência.

“Quando o ego depara com uma imagem arquetípica, pode ser por ela possuído, sobrepujado, e render-se-lhe mesmo querendo resistir-lhe, pois a experiência é percebida como algo sumamente fecundo e significativo. A identificação com imagens e energias arquetípicas constitui a definição de Jung de inflação e até, em última instância, psicose. Um líder carismático, por exemplo, convence as pessoas com palavras poderosas e estimula idéias que as induzem à ação; e, de súbito, essas idéias convertem-se na

coisa mais importante na vida para os hipnotizados seguidores e os verdadeiros crentes” (STEIN, 1998, p. 94)

Quando ativados na consciência, podem aparecer também sob a forma de um complexo, que é um núcleo de significado dotado de uma grande carga afetiva. Há muitos complexos presentes em nossa psique, inconscientes. Quando um evento do mundo interno, como sonhos e a fantasia, ou do mundo externo, um ocorrido qualquer, ativam algum destes complexos presentes na psique, ficamos tomados por ele.

Como os complexos nos conduzem ao longo da vida, em direção a interesses, e focos de energia, podemos em alguns momentos, ver o mundo através deles. São constituídos de afetos relativos a experiências pessoais, mas também têm como base as imagens arquetípicas.

“A constatação de que existem tipos bem caracterizados e facilmente reconhecíveis de complexos sugere que estes repousem sobre bases igualmente típicas. Tais bases seriam os arquétipos, isto é, os alicerces da vida psíquica comuns a todos os seres humanos” (JUNG in SILVEIRA, 1997, p. 33)

A própria noção de consciência deriva dessas teorizações sobre o homem arcaico que existe em cada um de nós. Para desenvolver a consciência, tivemos que nos discriminar dessa base instintiva, animal. Jung dizia que o desenvolvimento desta é algo ainda muito recente. A consciência é portanto frágil, facilmente ameaçada e danificada (SABINI, 2002). Jung nos conta que o ser humano ficou muito dependente das palavras, e que sua conquista do mundo racional foi algo muito importante para o seu desenvolvimento, no entanto ele paga por isso com a perda de contato com o instinto, e “the picture we have of the world gets broken down into countless particulars, and the original feeling of unity, which we integrally connected with the unity of the unconscious psyche, is lost”

(JUNG apud SABINI, 2002)¹⁰. Então, se afastando dessa natureza primordial, o homem cria a consciência. O mundo da natureza é inconsciente, e enquanto estamos nele, na segurança dos instintos, não temos dúvidas. Quando as certezas se abrem, e aparecem múltiplas possibilidades, vem com isso também o medo, “for consciousness is now called upon to do that which nature has always done for her children – namely, to give a certain, unquestionable, and unequivocal decision”¹¹ (JUNG apud SABINI, 2002). É o corpo, os instintos, as emoções, que nos ligam ao solo, ao chão. Perdendo o contato com essas dimensões, perdemos a base, o nosso próprio chão, e segundo Jung, o homem “try to conquer other lands because you’re exiled from your own soil” (JUNG apud SABINI, 2002)¹²

Jung se deteve bastante no que existe psiquicamente em comum na humanidade. No entanto, ele não retira a idéia de indivíduo, apesar de ser muito crítico ao individualismo exacerbado de nossa era. Contudo, ele enfatiza a importância do *processo de individuação*, que também pode ser pensado como um mecanismo compensatório para a cultura massificada e globalizante na qual vivemos. A individuação, vale lembrar, não retira o indivíduo do social, mas alarga a sua capacidade de se conectar a ele. A individuação é conceituada por Jung como “a experiência total de integridade ao longo de uma vida inteira – o surgimento do *Si-mesmo* na estrutura psicológica e na consciência” (STEIN, 1998, p. 153). A idéia do *Si-mesmo* é a chave, a peça primordial para a compreensão da teoria psicológica desse pensador. Nas palavras de Stein, ele é “transcendente, o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o” (STEIN, 1998, p. 137). O termo pode confundir. O *Si-mesmo* não diz respeito a si mesmo, ao subjetivo e individual, mas se aproxima mais do que existe em comum entre individual e coletivo. “É o mais impessoal de todos os arquétipos” (STEIN, 1998, p.

¹⁰ Tradução livre: “a imagem que temos do mundo se quebra em incontáveis partes, e o sentimento original de unidade, o qual conectamos integralmente com a unidade da psique inconsciente, é perdido.”

¹¹ Tradução livre: “pois a consciência é agora requisitada a fazer o que a natureza sempre fez por seus filhos – prover uma decisão certa, inquestionável e inequívoca”

¹² Tradução livre: “tenta conquistar outras terras porque foi exilado do seu próprio solo”.

138). É o que “enxergamos” do inconsciente, é a parte deste possível de ser humanizada. Ele seria um centro que governa, ordena e mantém unida a psique, e faz isso do lado de fora dela própria. Ele dá sustentação ao ego e proporciona a integridade; e esta é alcançada quando o *Si-mesmo* se realiza na consciência. O processo onde isso ocorre é chamado *processo de individuação*. Todos estamos em algum lugar dele, temos uma “tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas” (SILVEIRA, 1997, p. 77-78).

Tratemos, sumariamente, de suas etapas (SILVEIRA, 1997):

A primeira é a desidentificação com a *persona*. Ao longo da vida, o homem cria máscaras que o ajudam a se adaptar ao mundo, mas que não se referem ao seu ser autêntico. Elas são geralmente roupagens adaptadas ao olhar do outro, ao que se espera dele, ou a um ideal que ele próprio tem para si. São máscaras individuais em seu conteúdo, mas coletivas na sua forma, e elas envolvem, delimitam onde se termina e se começa. Essa máscara é chamada, na teoria junguiana, de *persona*. O primeiro passo é então, se despir tanto quanto possível dessas máscaras como modo de ser no mundo.

Depois, o homem deve se deparar com a *sombra*. Ela consiste nos nossos conteúdos reprimidos, feios (ao olhar do ego), que não desejamos olhar. São também qualidades não desenvolvidas, potenciais. Nela também estão contidos aspectos da sombra coletiva, que se manifestam nos fenômenos de massa, e também, em sonhos individuais. Confrontar-se com a sombra, entrar em contato com ela, e integrar o que for possível à consciência é mais uma etapa do processo.

A próxima seria a confrontação com a *anima*.

“Convencionalmente, para os homens *anima* é uma figura feminina; para as mulheres, a figura interior equivalente – chamada *animus* – é masculina. *Anima* e *animus* são personalidades subjetivas e representam um nível do inconsciente mais profundo do que a sombra. Para melhor ou para pior, elas revelam as características da alma e conduzem para os domínios do inconsciente coletivo” (STEIN, 1998, p. 116)

Esse é um conceito um tanto polêmico da teoria junguiana, pois toca em questões de gênero, e pode ser facilmente mal interpretado. Escolhi falar dele a partir de Whitmont, pois considero suas apreciações muito pertinentes a nossa época, no tocante a esses conceitos. Segundo ele, "não se justifica mais a alegação de que a *anima* incorpora exclusivamente o inconsciente impessoal do homem, e o *animus*, o das mulheres" (1991, p. 161). A consciência, no sentido de ser um estado de contato com algum significado, pode ocorrer de maneira feminina ou masculina, em ambos os sexos. O *animus* é o lado "diferenciador, analítico e abstrato"; a *anima* "dirige-se para o centro, visando a unidade, a identidade, os padrões e a analogia" (1991, p. 162). Hoje em dia, as mulheres podem estar mais ligadas ao *logos*¹³, e perdidas em termos de instintos. Os homens podem ser extremamente sensíveis, e não estarem em sintonia com o pensamento analítico. Por mais ousada que possa parecer essa contribuição de Whitmont, creio que ela faz sentido em nossa época, onde esses papéis tradicionais dos gêneros Homem-Mulher estão difusos, não bem definidos. De qualquer forma, entrar em contato com a *anima*, ou com o *animus*, independente de se tratar de uma mulher ou de um homem, é entrar em contato com um *outro*, com a energia masculina e/ou feminina arquetípicos. Esse confronto produz mais uma integração da psique, e pode-se então, entrar em contato com essa complexa forma simbólica, o *Si-mesmo*, ou *Self*.

"A denominação de self não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, a liquidação de projeções, a assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos – em suma, o confronto entre consciente e inconsciente – produzem um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade (...) estabelece-se agora no *self* (*si-mesmo*) (...) O homem torna-se *ele mesmo*, um ser completo, composto de consciente e inconsciente, incluindo aspectos claros e escuros, masculinos e femininos,

¹³ Termo derivado do grego que indica estudo, razão e compreensão dos fenômenos.

ordenados segundo o *plano de base* que lhe for peculiar.” (SILVEIRA, 1997, p. 88)

É o indivíduo tornando-se *aquilo que ele é*. E, como pudemos ver, integrando à consciência aspectos do inconsciente coletivo, que são comuns a toda humanidade. Desse processo, deve-se então esperar que o indivíduo funcione melhor dentro do coletivo, no seu meio, integrado com os componentes que fundam não só a sua subjetividade, mas todo o código social reinante, e também, o contato com a Natureza.

Esse era o ponto em que queria chegar. Pensando nisso, em que fase do processo de individuação estaríamos, se pensarmos em termos coletivos?

Seguindo a linha de interconectividade que perpassa a obra de Jung, creio ser importante falarmos da *sincronicidade*. Este é também um conceito de extrema importância e complexidade, no qual devemos nos deter, mesmo que brevemente.

O conceito de *sincronicidade*, sendo uma “extensão da teoria do *Si-mesmo* à cosmologia, (...) fala da profunda e oculta ordem e unidade entre tudo o que existe” (STEIN, 1998, p. 176). Os arquétipos, segundo Stein, são pertencentes ao mundo, ou seja, não se limitam ao psiquismo humano. Podendo ser *transferidos*, surgem na consciência, através da psique, ou no mundo à nossa volta, ou em ambos simultaneamente. Quando isso acontece, são chamados *sincrônicos*.

“A psique não é algo que começa e termina somente em seres humanos e em isolamento do cosmo. Há uma dimensão na qual a psique e o mundo interagem intimamente e se refletem reciprocamente. Esta é a tese de Jung”. (STEIN, 1998, p. 178).

Essa cosmovisão surge na teoria de Jung a partir de seu contato com a física moderna, especialmente com a teoria da relatividade de Einstein. Ela denunciaria a brecha que existe no universo causal, onde os eventos acontecem por algo que os determina previamente.

A *sincronicidade* seria então definida como a ocorrência entre acontecimentos psíquicos e físicos, ou nas palavras de Jung “a ocorrência simultânea de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos externos que se apresentam como paralelos significativos do estado subjetivo momentâneo” (JUNG apud STEIN, 1998, p. 186-187). É interessante de observar que Jung, nesse conceito, constrói um outro paradigma, de que a psique, e os eventos que nela ocorrem fazem parte de uma realidade maior, onde ela estaria inserida, e da qual seria mais um membro. A psique e o ambiente físico seriam os meios onde o arquétipo se manifestaria, e esse raciocínio desloca a importância dos fenômenos da primazia humana. “Nesse sentido, o indivíduo é um co-criador do reflexo de realidade que a história como um todo revela” (STEIN, 1998, p. 191). Isso nos é muito valioso, referente ao que se pretende estudar neste trabalho. O modo como estão seres humanos e mundo é o modo como o inconsciente coletivo e seus arquétipos estão se manifestando, e temos que observar essas tendências para compreender melhor nossa realidade. Referente às questões ambientais, Sabini arremata com os seguintes pensamentos:

“Jung’s most profound contribution to interconnectedness theory and practice is the concept of synchronicity, the way by which internal and external realities are meaningfully, though not causally, linked. The contamination of air, water and soil on the planet is paralleled by similar diseases of blood and tissue in people. The current extinction process that involves plant, animal and tribal life is paralleled by an atrophying of phylogenetic or survival instincts in Homo sapiens. One symptom of this is the phenomenal rise in autoimmune disorders in the last decade. ‘Atrophy of instinct’ is how Jung diagnosed the malaise that affects those of us living in modern civilization: ‘Civilized man... is in danger of losing all contact with the world of instinct – a danger that is still further increased by his living an urban existence in what seems to be a purely manmade environment. This loss of instinct is largely responsible for the pathological condition of contemporary culture’ (CW 18, par. 1494-5). Jung discovered, however, that instincts do not fully extinct; rather, they fall into the

unconscious and become dormant, but potentially can be revived.”
(SABINI, 2002, p. 15)¹⁴

Um outro conceito muito importante da teoria junguiana, que é de grande relevância no presente trabalho é o conceito de *símbolo*. É uma imagem para a qual se atribui significado; é coletiva e pessoal. Não traz algo inteiro, em si, mas uma possibilidade, algo visto do inconsciente, que temos condição de ter acesso consciente. O símbolo faz a ponte entre consciente e inconsciente. Ele une o mundo subjacente com o mundo concreto, a dimensão pessoal e a dimensão coletiva, o âmbito histórico e o universal. Tem muitas funções, e quando entramos em contato consciente com um símbolo, temos a sensação de integração com um *sentido*. Ele conecta, revela, transforma, e acima de tudo, tem uma função transcendente, de compensação e totalidade.

Em 1823, num seminário em Polzeath, Cornualha, Jung identificou quatro elementos que foram severamente reprimidos no mundo judaico-cristão: Natureza, animais, fantasia criativa e lados “inferiores” ou primitivos do ser humano.

“It is a general truth that the earth is depreciated and misunderstood...
For quite long enough we have been taught that this life is not the real

¹⁴ Tradução livre: “A contribuição mais profunda de Jung para a teoria e prática da interconectividade é o conceito de sincronicidade, o meio pelo qual as realidades interna e externa são significativamente, apesar de não causalmente, ligadas. A contaminação do ar, da água e do solo no planeta é paralelo a doenças similares de sangue e tecidos nas pessoas. O processo atual de extinção que envolve plantas, animais, e vida tribal é paralelo ao atrofiamento filogenético dos instintos de sobrevivência no Homo sapiens. Um sintoma disso é o aumento fenomenal de doenças auto imunes na última década. ‘Atrofia dos instintos’ é como Jung diagnosticou a mazela que afeta a todos nós, vivendo na civilização moderna: ‘O homem civilizado... está no perigo de perder todo o contato com o mundo dos instintos – um perigo ainda aumentado pela sua existência no que parece ser um ambiente totalmente construído por ele. Esta perda de instintos é largamente responsável pela condição patológica da cultura contemporânea.’ Jung descobriu, no entanto, que os instintos não são completamente extintos; ao invés disso, eles caem no inconsciente e se tornam dormentes, mas potencialmente podem ser ressuscitados.”

thing... and that we live only for heaven” (JUNG apud SABINI, 2002, p. 2)¹⁵

Nossa perda de conexão com a Natureza não seria então um problema de ordem prática, mas sim, um problema religioso. Nesta idéia, a Natureza teria perdido seu caráter sagrado, sua divindade, e seria usada, subjugada, apenas para satisfazer nossas necessidades terrenas, que não tem absolutamente nada de sagradas, muito pelo contrário. Ela ficaria ligada aos nossos instintos primordiais, meramente carniais, e postulada como algo “menor”, e até mesmo perigoso, juntamente com essas necessidades e instintos humanos. Jung utiliza em sua obra o termo “Natureza” com letra maiúscula, como um sinal de respeito ao seu caráter divino. Considero de bom tom, levando em conta o intuito deste trabalho, fazer o mesmo.

O termo sagrado utilizado aqui refere-se ao termo derivado do latim *sacratu*, um particípio passado de *sacrare*, que significa literalmente consagrar.

“O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da realidade natural. O ato de manifestação do sagrado é indicado pelo termo hierofania que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela. Do latim *sacratu* – aquele que recebeu a consagração.” (ELIADE, 1992)

Já o biólogo Gregory Bateson considera sagrado o padrão que liga todas as criaturas vivas, que ele chama de “padrão que liga ou metapadrão” (BATESON apud MAESTRO, 2007). Isso significa que o termo indica algo que se revela, que unifica, consagra um sentido. Sacralizar a Natureza é então consagrá-la, prover a ela significação e sentido.

Através de algumas entrevistas que Jung deu a jornais americanos, podemos hipotetizar um raciocínio a respeito do que ele pensava da cultura

¹⁵ Tradução livre: “É uma verdade geral que a terra é depreciada e mal-entendida... Por muito tempo nós fomos ensinados que esta vida não é o destino final... e que nós vivemos somente para o Céu”

ocidental, e especialmente sobre os Estados Unidos, em termos psicológicos. Ele coloca, numa entrevista realizada em 1957, filmada pelo Professor Richard Evans, que os Estados Unidos estavam tão divorciados da Natureza que o “homem natural” estava numa rebelião aberta contra a forma inumana como levamos nossas vidas hoje em dia. Ele cita os sintomas de rebelião moral e sexual da juventude, assim como o uso abusivo de drogas. É interessante pensarmos que isso foi numa época em que os Estados Unidos, e todos nós de um modo geral, dependíamos muito menos da maquinaria tecnológica (SABINI, 2002). Segundo ele, “we are beset by an all-too-human fear that Consciousness – our Promethean conquest – may in the end not be able to serve us as well as nature” (JUNG apud SABINI, 2002)¹⁶. Jung propõe que a nossa perda de conexão com a Natureza aconteceu juntamente com o desenvolvimento da consciência durante este milênio. Para ilustrar este pensamento podemos pensar na “casa de muitos degraus” que ele descreve como resultado de um sonho que teve¹⁷. Os primeiros andares representam períodos de nossa história recente, enquanto o subterrâneo representa a filogênese de nossa espécie. Essa analogia é muito interessante para pensarmos que não podemos ir contra a Natureza, já que somos parte dela. Ela está em nossa própria constituição, na história de nossas vidas, e de como chegamos até aqui. Jung aponta que no Ocidente, a consciência se desenvolveu especialmente através da Ciência e da tecnologia, e não através da arte, das

¹⁶ Tradução livre: “Estamos embasbacados por um medo bastante humano de que a Consciência – nossa conquista prometeica – pode no final não ser capaz de nos servir tão bem quanto a natureza”

¹⁷ “Eis os sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a ‘minha’ casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos (...) De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. (...) Cheguei diante de uma porta pesada e abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóboda. (...) Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recorto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que desci, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. – Depois, acordei” (JUNG, 1961, p. 194)

interações sociais e da espiritualidade. O inconsciente ficou pra trás, e está agora, numa posição defensiva.

“We in the West have come to be highly disciplined, organized, and rational. On the other hand, having allowed our unconscious personality to be suppressed, we are excluded from understanding primitive man’s civilization... The more successful we become in science and technology, the more diabolical are the uses to which we put our inventions and discoveries” (JUNG apud SABINI, 2002, p. 11)¹⁸

. A preocupação de Jung é de que tenhamos inflacionado a nossa importância no mundo, e que tenhamos esquecido que a “rationality has been won at the expense of our vitality”¹⁹ (SABINI, 2002, p. 12). Jung sempre nos lembrou de que somos, afinal de tudo, animais, e como primatas, temos de dar espaço para que essas camadas primitivas tenham espaço em nossa psique. Ele considerava que nossa espécie é ainda muito jovem, pois faz um esforço tremendo para estabelecer limites claros entre nós e outras formas de vida, limites estes que não são de importância para outras espécies, e nem para sociedades tribais, acostumadas com a convivência harmoniosa entre seres de diferentes espécies.

“A camada mais profunda que conseguimos atingir na mente do inconsciente é aquela em que o homem ‘perde’ a sua individualidade particular, mas onde sua mente se alarga mergulhando na mente da humanidade – não a consciência – mas o inconsciente, onde somos todos iguais (...) A esse nível, não somos mais entidades separadas, somos *um*. Podemos compreender

¹⁸ Tradução livre: “Nós no Ocidente nos tornamos altamente disciplinados, organizados e racionais. Por outro lado, por permitir que nossa personalidade inconsciente seja suprimida, nós estamos excluídos de entender a civilização do homem primitivo... Quanto mais nos tornamos bem-sucedidos em ciência e tecnologia, mais diabólicos são os usos que fazemos de nossas invenções e descobertas”

¹⁹ Tradução livre: “racionalidade tenha ganho ao custo de nossa vitalidade”

isso quando estudamos a psicologia dos povos primitivos. O fato que mais salta à vista, na mentalidade primitiva, é essa falta de diferenciação entre os indivíduos, essa união de sujeito e objeto, essa '*participation mystique*'²⁰ (...). A conformação mental do primitivo exprime a estrutura básica da mente humana, aquela camada psíquica, que para nós é o inconsciente coletivo, aquele nível subjacente que em todos nós é o mesmo (...). Lá, não se sabe se aconteceu alguma coisa com você ou comigo. No inconsciente subjacente há uma inteireza impossível de ser dissecada" (JUNG, 1985, p. 38)

Isso, tão bem apontado por Jung no começo do século passado, não poderia ser mais atual. Nos falta essa noção de interconectividade, de laço com o outro, com o mundo, e até conosco mesmos. Mas essas dimensões moram em nós. Foram relegadas ao inconsciente, mas nem por isso, estão perdidas. Jung abriu muitas portas para que possamos pensar nas questões que assombram nosso mundo atual, e através de seus seguidores, iremos mais a fundo nesses dilemas, no capítulo a seguir.

²⁰ Processo da consciência para lidar com os conteúdos do inconsciente. No caso, um estado de indiscriminação entre pessoas e objetos.

Capítulo 3 – A Dimensão Simbólica da Crise Ambiental

“Os recursos mágicos, mitológicos e femininos de lidar com a existência, abandonados há milhares de anos, devem agora ser necessariamente recuperados pela consciência. Mas, comparada à passada, a nova consciência precisará ser dotada de maior clareza, mais liberdade, auto percepção e uma nova e diferente capacidade de amar”. (WHITMONT, 1991, p. 58)

Neste capítulo, pretendo pesquisar e refletir sobre o simbólico, sobre o que está por trás da crise ambiental, e sobre como o arquétipo da relação Homem-Natureza está constelado nos dias atuais. Partindo das perguntas colocadas no primeiro capítulo, buscamos a compreensão dos mecanismos, vínculos e relações que estruturam hoje nossa visão, e também nossas ações no que diz respeito à Terra, em seu mais vasto sentido. Perceberemos que este vínculo, como colocado na consciência coletiva hoje, se manifesta nos mais simples momentos: no como nos alimentamos, no como nos deslocamos pela cidade, no relacionamento com os outros, e conosco mesmos. Para isso, utilizaremos as contribuições de autores como Edward Whitmont, James Hillman, Ricardo Hirata, James Lovelock e Meredith Sabini.

Creio ser interessante, no início deste capítulo, nos determos nas teorizações de Whitmont a respeito dos ciclos da consciência. Ele propõe que nós, seres humanos, funcionamos em *dinamismos* (denominados também como fases ou ciclos). Estes, apesar de separados cronologicamente, estão presentes, em diferentes momentos e formas, na consciência de todos nós. São eles os dinamismos matriarcal e patriarcal, e rumamos, num presente-futuro, a um terceiro, o da alteridade, onde esses dois funcionamentos passam a coexistir, e a nossa consciência e capacidade de lidar com os mundos externo e interno são ampliadas; e a um quarto, o cósmico, que estende essa capacidade perceptiva para o universo, o cosmos, todo o resto que nos cerca.

CICLOS ARQUETÍPICOS:

- FASE MÁGICA ou CICLO MATRIARCAL

Período que vai da Idade da Pedra até provavelmente a Idade do Bronze. Nesse período, segundo Whitmont, “o mundo é mágico” (1991, p. 60). Ele é regido pela Grande Deusa, que é ao mesmo tempo *virgem, mãe e bruxa*.

“É a senhora das estrelas e dos céus, a beleza da natureza, o útero gerador, o poder nutriente da terra, a fertilidade, a provedora de todas as necessidades, e também o poder da morte e o horror da decadência e da aniquilação. Dela tudo procede e a ela tudo retorna”. (p. 60)

No nível pessoal, a partir do ponto de vista do desenvolvimento humano, essa fase se faz presente na relação mãe-bebê, por exemplo. As necessidades do bebê são as da mãe; não há diferenciação. No nível mágico, não existe separação entre ser humano, animais, plantas e o ciclo da natureza, como um todo.

A dinâmica matriarcal é uma manifestação do arquétipo da Grande-Mãe, que tem como símbolos a nutrição, o corpo, a sexualidade, a procriação e a fertilidade, as sensações (cores, odores, gostos), a Natureza. Nesses ciclos as coisas são binárias, existem ao mesmo tempo, sem diferenciação entre bem e mal, claro e escuro, consciente e inconsciente. É como o bebê. Ele tem “ilhas” de relação com o mundo. Quando sua energia está concentrada em uma delas, ele é aquilo inteiro. A fome é um exemplo disso. No desenvolvimento humano, essas “ilhas” vão aos poucos se integrando, e formando um ego, formando ligações e lógicas de causalidade. O modo como essas “ilhas” se articulam é o que podemos reconhecer como o indivíduo. A lei do período matriarcal é a lei da Natureza, o indivíduo não se vê como indivíduo, e sim como parte de um coletivo. O bom é o bom do coletivo, e o mal, o que prejudica o coletivo.

É uma fase que se caracteriza pela proximidade com o inconsciente. Não existe ego individual. As pessoas estão imersas no inconsciente coletivo, e por isso, existe tal harmonia com a Natureza. O passado, o presente e o futuro são

inseparáveis, e o único tempo existente é o do aqui e agora. O tempo é cíclico e eterno. O homem não tem poder, quem tem poder é a Natureza, e as divindades são femininas, ligadas à Grande-Deusa.

Esse raciocínio aparece também na obra de Jung. Ele fez uma pesquisa sobre as culturas ditas matriarcais, uma delas, o *mitraísmo*, uma espécie de “religião da Natureza”.

Veja trechos abaixo. Em relação ao *mitraísmo*, Jung (apud HIRATA, 2006) cita Franz Cumont:

“Os deuses estavam em toda parte e imiscuíam-se em todas as atividades da vida diária. O fogo que preparava os alimentos dos fiéis e os aquecia, a água que saciava sua sede e lhes proporcionava asseio, até o ar que respiravam e o dia que os iluminava eram objeto de suas homenagens. Talvez nenhuma outra religião tenha dado tanta oportunidade de oração e tantos motivos de devoção de seus fiéis quanto o mitraísmo. Quando o iniciado, à noite, se dirigia para a gruta sagrada, oculta na solidão da floresta, a cada passo novas impressões despertavam uma emoção mística em seu coração. As estrelas que brilhavam no céu, o vento que agitava a folhagem, a fonte, agora o riacho que corria marulhante até o vale, mesmo a terra em que pisava – tudo era sagrado a seus olhos, e toda a natureza que o envolvia despertava o temor respeitoso pelas forças infinitas que agiam no universo.”

E cita a ligação com a natureza em Sêneca (apud HIRATA, 2006.):

“Ao penetrares numa floresta de árvores antigas e excepcionalmente altas, onde o emaranhado de ramos e galhos te esconde o céu: a majestade da mata, o silêncio do lugar, a sombra maravilhosa dessa abóboda livre e ao mesmo tempo densa, não podem senão despertar em ti a fé em um ser superior. E aonde, debaixo de rochas sapadas, sob o flanco de uma montanha, se estende uma gruta, não feita pela mão do homem, mas assim forjada pela natureza, não penetra então em tua alma uma espécie de religião? Veneramos as nascentes dos grandes rios. Onde quer que das

profundezas da terra brote uma água, ali se ergue um altar; reverenciamos as fontes de águas térmicas; muitos lagos são tidos como sagrados por seu negror sombrio ou por sua insondável profundidade.” (Sêneca apud HIRATA, 2006)

- FASE MENTAL ou CICLO PATRIARCAL

Segundo Whitmont, é a fase da primazia completa da mente racional. Ciclo do controle, da lei racional e da repressão aos instintos, tais como a violência e a sexualidade. Nela, polarizamos as coisas. Agora, bom é diferente de mal, masculino é diferente de feminino, consciente é diferente de inconsciente. Nesse processo de separação, divisão e delimitação, obedecendo a determinados critérios, nasce o ego individual, diferenciado do coletivo, do Outro. E esse ego, constituído de *persona* e de *sombra*, centraliza o poder em si mesmo.

“(...) cada obstáculo ao fluxo automático e espontâneo cria consciência de si. A obediência às regras e tabus constitui uma forma de exercício mental que educa a vontade e pratica a autodisciplina” (1991, p. 104).

Só importa o que pode ser palpável, o que é captado através dos cinco sentidos. O que for imaterial, ou não puder existir num espaço tridimensional não é considerado realidade. Sendo assim, relegamos ao inconsciente as manifestações humanas mais primitivas, da ordem dos impulsos naturais, das fantasias inconscientes e das emoções e desejos espontâneos. Toda a divindade feminina é negada e condenada. É a morte da religião pagã, a caça às bruxas e o nascimento das religiões monoteístas, que tem fé no Deus-Pai, uma entidade autoritária e ditadora de normas e prescrições. Essa religião que crê nesse Deus é uma religião de valores masculinos, tais como a centralização do poder, o estabelecimento de polaridades, e o combate a inimigos, sejam eles externos ou internos.

“O sentimento de inferioridade, o impulso para o poder, a ansiedade, a possessividade, a inveja, o ciúme e a compulsão para dominar e conquistar são as marcas registradas do ego patriarcal”. (WHITMONT, 1991, p. 104)

Segundo Hirata (2006), Jung acredita que nos séculos II e III do cristianismo, houve um embate entre as duas religiões: o cristianismo e o mitraísmo. Para ilustrar a visão cristã, Hirata cita Santo Agostinho:

“Mas que amo eu quando amo a ti, meu Deus? Não amo a beleza do corpo, nem os encantos temporais, nem o brilho da luz, tão cara a estes olhos, nem as doces melodias das mais variadas cantigas, nem o aroma suave das flores e de perfumados bálsamos e ervas, nem o maná, nem o mel, nem os membros que se regozijam com os abraços da carne. Não é isto que amo, quando amo meu Deus, que é luz, voz, olfato, alimento, abraço de meu ser íntimo; onde resplandece para minha alma uma luz sem limites, onde ressoa o que tempo algum pode calar, onde emanam perfumes que o vento não dissipa, onde aparece o que a gula não reduz, e onde permanece unido o que tédio algum separa. É isto que amo, quando amo a meu Deus.” (Santo Agostinho apud HIRATA, 2006)

A partir desse embate, expresso nesta citação, podemos pensar que a consciência judaico-cristã reprimiu mitos matriarcais, tais como o da religião mitraica, que tinham como sagrados os elementos da natureza. Essas formas, divinizadas, foram afastadas da consciência, mas ainda habitam o inconsciente de todos nós.

Com estes ciclos sumariamente explicados, podemos pensar como eles se articulam no presente momento, no tocante a nossa relação com o meio ambiente.

Na fase mágica as divindades são palpáveis, e se traduzem nas manifestações mais puras da Natureza: na água, no vento, nas plantas. No Judaísmo, religião do início do Ciclo patriarcal, o deus Jeová, único e soberano, é espírito puro, não pode nem deve ser nomeado. É um Deus racional e também

abstrato, pois não adquire forma nem nome. É por isso transcendente, isto é, transcende a realidade manifesta. Nesta fase, o poder e a divindade não estão na Natureza, muito pelo contrário, a Natureza, assim como o corpo e o inconsciente, são demonizados.

Ao pensarmos nessa demonização que foi feita com os elementos da Natureza, com a Deusa, no ciclo patriarcal, podemos lembrar do lugar a que relegamos os animais nos nossos mitos, contos, e inclusive no nosso viver diário. O homem é supremo, tem primazia, e usamos o adjetivo “humano” para designar atos de compaixão e benevolência; usamos o adjetivo “animal” para falarmos de pessoas más e inconseqüentes. De acordo com o Gênesis, Deus criou o homem à *sua* imagem e semelhança, e a função dos outros animais era de subserviência ao homem. Utilizamos também animais para designar desvios de conduta, nosso “lado animal”, tal como o “bode expiatório”, ou a “serpente do Éden”, que desviou o curso da história da humanidade. O próprio diabo é representado com chifres e cauda, ilustrando vividamente como tudo que é mau, vil, errado, está ligado ao nosso lado animal, primitivo, e também, matriarcal.

A Deusa é então banida da consciência e vira o receptáculo de todas as projeções do mal. Como o poder se concentra fora, é possível ter um controle da Natureza. Nos separamos dela pela confiança no Pai.

“O sagrado fica severamente limitado ao espírito abstrato. Experimentar o sagrado nos arvoredos, animais ou objetos da imaginação é declarado maligno. A imaginação simbólica é banida.” (WHITMONT, 1991, p. 118)

E ainda:

“A humanidade era vista como o centro da criação. Toda a natureza deveria ser-lhe servil. Estava sancionada a exploração do meio ambiente. A natureza era valorizada apenas na medida de suas contribuições para o bem-estar humano, e não por sua grandiosidade, beleza ou mistério.

Foram essas atitudes que contribuíram diretamente para nossa crise ecológica presente” (WHITMONT, 1991, p. 116)

Na consciência mágica, tudo está junto. Na medida em que a consciência vai conquistando coisas, ela percebe o seu poder de controle relativo, e com o desenvolvimento do *ego*, surge também a *sombra*. Aparece com isso a consciência da falta de controle (sobre a Natureza), e em última análise, da própria fragilidade humana.

Para remediar isso, criamos as Leis e a regulamentação do mundo através de Deus, da confiança em Deus-Pai.

Hoje em dia, como bem disse Nietzsche, “Deus está morto”. Matamos o Pai. A regulamentação passa então ao ego. Somos, nós próprios, Deus, e com isso, os árbitros supremos, os responsáveis por distinguir bem e mal. A questão reside no fato de que cada um possui esse Deus dentro de si, e pode fazer suas próprias Leis. Com essa morte, outras divindades são criadas, tais como o Estado, a Ciência e o dinheiro. Eles são agora, em geral, as figuras responsáveis, na consciência coletiva, pela resolução de todos os problemas. São entidades diferentes de nós, separadas, não nos sentimos pertencentes a elas.

“Depois que esvaziamos o sagrado que havia na natureza, voltamo-nos para novos deuses: a tecnologia, a produção de bens, maior bem-estar físico. Em consequência disso, nosso meio ambiente está envenenado; os recursos naturais, quase esgotados; os ciclos ecológicos, interrompidos e desfeitos (...) não há dúvida que nossa pior ameaça está em nossa insensibilidade ao pulsar vital da natureza.” (WHITMONT, 1991, p. 117)

É interessante pensarmos, através das contribuições de Whitmont, que o projeto de exploração da Natureza é um projeto de separação do Homem da Natureza, um esvaziamento do sagrado. E podemos perceber em nosso mundo que esse distanciamento da Natureza traz em si um distanciamento do Corpo, em relação a como cuidamos dele, como nos alimentamos, como ingerimos drogas, antidepressivos e ansiolíticos, e não prestamos atenção nos ritmos, ciclos e

necessidades mais básicas do nosso corpo, assim como não olhamos com cuidado os ritmos, estações e necessidades mais básicas da Terra.

“No decorrer desse avanço esquizofrênico, a teologia divorciou-se das experiências reais de vida. Tornou-se progressivamente mais vazia, abstrata e irrelevante. Nessa medida, então, os intelectuais passaram a achar que deveriam divorciar-se, também eles, da religião, a fim de manter sua integridade intelectual. Ou precisaram compartimentar a vida numa filosofia de domingos e dias úteis. A ciência passou a ser a nova religião, pois que o arquétipo da religião é em si mesmo indestrutível. Depois de desacreditado o espírito vivo, a matéria tornou-se o novo deus. Sozinho em meio a um universo abstrato, quantificado e sem sentido, um caos ordeiro, o indivíduo é jogado de lá pra cá sem misericórdia. Hoje estamos à mercê das recém-surgidas divindades da matéria. Incapazes de perceber sua numinosidade e desprovidos de um *modus vivendi*, é inevitável que nos tornemos vítimas da força nua e crua da sua energia. A menos que passemos a reconhecer o espírito vivo na natureza e na matéria, é provável que pereçamos todos” (WHITMONT, 1991, p. 122)

É interessante analisarmos esse movimento humano em direção a uma crença, a uma entidade maior na qual se apoiar. A humanidade busca em Deus, ou qual seja o seu nome nos diferentes ciclos, algo que foi perdido de sua própria natureza, algo que é comum a todos e foi sendo abandonado na medida em que “nos desenvolvíamos”. O ser humano busca a Mãe, a alma e espírito da espécie, algo para se sentir pertencente, junto, uno.

Jung, e alguns pós-junguianos, nos ajudam a entender a crise ambiental, pois a analisam como um sintoma da alma coletiva. É necessário que se integre a noção de Natureza à subjetividade, à psique, e às imagens arquetípicas presentes e constitutivas do ser humano, para melhor compreender a questão ambiental. Os movimentos ecológicos em geral, não levam em conta a dimensão subjetiva da situação. Jung nunca se satisfez com a postulação da Natureza através de um paradigma materialista. O contato que teve com os fenômenos mediúnicos o fez pensar que existia um mundo por detrás do mundo consciente, e que esse mundo

inconsciente seria dotado de *sentido*. Para um maior aprofundamento sobre a relação de Jung com tais fenômenos, ver sua tese de doutorado “Estudos Psiquiátricos” e seu livro “Estudos Experimentais”.

“Dessa forma, desde suas concepções iniciais sobre a natureza, Jung buscou articular as dimensões da matéria e do espírito (...) fundando as bases para o entendimento paradigmático da natureza que não exclui a alma, mas a integra e a dota de sentido” (HIRATA, 2006. p. 40)

James Hillman vai ainda mais longe. Diz que a idéia de pensar a vida como um “fazer a alma”, idéia trazida pelo Romantismo, é um equívoco. Qualifica essa afirmativa como extremamente auto-centrada, como se a meta de todos fosse o destino pessoal, e o mundo, mero pano de fundo, um utensílio dessa empreitada.

“Você passa pelo mundo e faz sua própria alma. Mas e a alma do mundo(...)? E a *anima mundi*, quem a faz? A situação angustiante do mundo, o sofrimento de seus oceanos e rios, de seus climas e suas florestas, as cidades feias e a terra esgotada, certamente nos fazem sentir que não podemos passar por ele apenas em proveito próprio, pois acabamos destruindo nossa alma como quem pretende salvá-la. Diz Lawrence que a barca da morte que cada um de nós precisa construir não é mais uma arca particular que atravessasse tempestades; a barca da morte é a alma do mundo afundando como uma barcaça lotada de lixo.” (HILLMAN, 1995, p. 54)

Jung busca formular uma teoria que supere essa dualidade, uma teoria norteadas pelo *ciclo da alteridade*. Tenta unir cosmos e psique, matéria e espírito. Com o conceito de inconsciente coletivo, une as naturezas exterior e interior, e “rompe decisivamente com o materialismo dentro *versus* fora, que define o meio ambiente como aquilo que está ao redor do indivíduo, exterior ao corpo, para denotar uma dimensão intercambiável” (HIRATA, 2006. p. 44)

Lembra-nos que “O homem medieval era caracterizado por um egoísmo transcendental. O homem moderno é caracterizado por um egoísmo imanente” (JUNG apud HIRATA, 2006). Jung estaria revoltado com o materialismo e a falta de ética. O homem moderno estaria lutando por uma felicidade baseado unicamente nas posses materiais. “O processo de aperfeiçoamento das relações exteriores teria apartado o homem de sua ligação com a natureza, mas apenas da ligação consciente, e não da inconsciente” (id., ibid., par. 170). Sua teoria se baseia na noção de realidade espacial (dentro/fora) e temporal (passado/futuro). “Seu modelo de natureza reúne matéria e espírito, buscando nos fenômenos da alma a única ancoragem do ser humano no real” (HIRATA, 2006. p. 41).

Hillman nos lembra que no Egito e nas religiões tribais, não existe uma preocupação com a individualidade, mas com a alma das coisas, e com os atos que auxiliarão na manutenção do mundo, na maneira como ele foi criado. Ele nos lembra que esse é o pensamento-base da hoje em dia chamada Ecologia Profunda.²¹ O autor cita Sendovigius, um antigo alquimista que diz que a maior parte da alma está fora do corpo. Isso nos fala de um coletivo, de uma alma que não é individual, minha, única. O mundo e os outros fazem parte da minha alma. Nesse sentido, precisamos cuidar do mundo para cuidarmos de nossa própria alma.

“O descaso pelo meio ambiente, o corpo do mundo, é só uma parcela de nossa ‘insanidade’ pessoal. É preciso devolver a saúde ao corpo do mundo, pois nesse corpo também está sua alma. Não acho que as disciplinas espirituais levem o mundo suficientemente em conta; vivem querendo transcendê-lo (...)” (Hillman, 1995, p. 55)

Por isso é importante resgatar os símbolos da Natureza, sacralizar a água, a floresta. Assim, devolvemos alma ao mundo e unimos os dinamismos matriarcal e patriarcal. Sabemos das propriedades das plantas, conhecemos a fórmula da

²¹ A Ecologia Profunda coloca que as causas dos desastres e desequilíbrios ambientais não tem sua raiz apenas na maneira como está estruturada a nossa sociedade, mas também no tipo de mentalidade que adquirimos nos dias de hoje “cuja raiz alcança épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica” (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2005, p. 79)

água; a matéria é – parcialmente – por nós conhecida. Mas também existe o mistério, existe a alma por trás das coisas, que dá a elas o caráter sagrado. É importante preservar a Natureza não só pelo que ela me dá, mas porque tem um valor intrínseco. A Natureza tem alma.

Lembra-nos Lovelock:

Acima de tudo, temos que encarar a vida com respeito e assombro. Precisamos de um sistema ético em que o mundo natural tenha valor não apenas para o bem-estar humano, mas para si e em si. O universo é algo interno, tanto quanto externo.” (2006, p. 141)

Hillman fala da importância de se pensar num processo de individuação amplo, e alerta para o perigo capitalista-liberal de colocar o foco no *meu* processo, na *minha* jornada, na *minha* alma. “Enquanto o mundo ao redor for só matéria morta, Eros ficará enredado nos relacionamentos pessoais” (1995, p. 178). Para ele, o amor romântico, que temos uns pelos outros, nos impede de amar o planeta e a comunidade. Não exercemos a capacidade de amar outras formas de vida, outras espécies, e a rede maior que compõe o planeta.

“O homem tecnológico trata a terra como um espancador de mulheres ou um estuprador: Seu Eros está tão distorcido que a única relação física que ele consegue manter com o planeta é a violência. Isso poderia se estender e explicar a insistência dele em violar o planeta (...) Se o amor romântico é um problema da ecologia, também é um problema político. É anti-social. Não permite o meu amor pela comunidade”.(1995, p. 180)

Ele propõe uma individuação que contemple os objetos e o mundo que nos cerca, e que esta aconteça a cada instante, a cada ação e pensamento.

“(...) individuar todos os atos que cometemos e todos os objetos com os quais convivemos, realizando o seu potencial (...), de modo que a dignidade,

a beleza e a integridade próprias de cada ato e de cada objeto (...) possam estar plenamente presentes em sua singularidade.” (1995, p. 55)

No entanto, podemos perceber que existe sim uma alma nos objetos, colocada por nós. Só que ela é negativa, suja, degradada, perigosa.

“Quais são os sintomas de hoje? Inseticidas em nossas maçãs; amianto em volta dos tubos de aquecimento; chumbo na pintura do teto da sala de aula; mercúrio nos peixes; conservantes nos cachorros-quentes; fumaça de cigarros no jantar; raios de microondas; sprays, naftalinas, rádom, desinfetantes, perfumes, gases dos escapamentos; cola e tecidos sintéticos no sofá; antibióticos e hormônios no bife” (1995, p. 124)

Temos medo das coisas com as quais convivemos, e temos a impressão de estarmos sendo envenenados aos poucos, como nos dizem os periódicos científicos e revistas de fácil acesso. Nosso ambiente tornou-se perigoso, hostil.

“Ao atribuir aos objetos efeitos mortais (...) estou afirmando que os objetos têm energia suficiente para nocautear e liquidar. O sintoma deu alma ao objeto (...) Minhas desconfianças e meus rituais de precaução avisam que estou vivendo num mundo animado” (1995, p. 125)

Ou seja, existe um movimento em direção a animar os objetos, mas como relegamos ao inconsciente a alma das coisas, elas vem à consciência com um caráter funesto, negativo, tal como as funções inferiores. Para esclarecer esse pensamento cito Marie Louise von-Franz:

“(...) a função inferior está tão perto do inconsciente e permanece tão bárbara, inferior e não desenvolvida que é naturalmente o ponto frágil da consciência, através do qual as figuras do inconsciente podem passar. Na consciência, a função inferior é sentida como um ponto frágil, aquela coisa desagradável que nunca deixa a pessoa em paz e que sempre causa problemas (...). A função inferior é a ferida sempre aberta da personalidade

consciente mas, através dela, o inconsciente pode sempre entrar e assim ampliar a consciência e gerar uma nova atitude.” (VON FRANZ, 1990, p. 83)

Sendo assim, a alma que emprestamos ao mundo, tal como a função inferior, é também uma brecha que nos diz de algo que foi relegado ao inconsciente. Volta com um caráter degradado mas, mesmo assim, não deixa de voltar. Nos diz de uma inquietação, ou talvez de uma culpa que tenhamos por tanto mal ter feito ao ambiente. Temos medo da nossa própria criação, ou do que adicionamos à Natureza, tal como os agrotóxicos das frutas, os hormônios das carnes, e a radiação dos eletro-eletrônicos. De qualquer forma, essa sensação, esse pressentimento, essa fantasia (ou realidade?) é reveladora de que algo está errado, de que algo está fora do lugar. E é por essa porta que podemos entrar nas questões inconscientes que estão por trás dessa complexa relação que estabelecemos com a Terra.

Hillman (1995) também propõe que a propaganda e o consumismo exacerbados podem ser um movimento em direção a animar o mundo, a nos fazer sentir seduzidos e enamorados pelos objetos, a dar vida a eles. Mas de novo, esse é um movimento estranho, bizarro, de dar vida aos objetos, pois estimula a degradação, e pode também virar um hábito compulsivo e esvaziado de valor.

Diz Hillman que estamos, todos, em depressão. A sociedade experiencia uma depressão crônica pelo que fez ao meio ambiente que a rodeia.

“A depressão que estamos tentando evitar pode muito bem ser uma reação prolongada e crônica ao que estamos fazendo com o mundo, o lamento e o pranto pelo que temos feito à natureza, às cidades, a povos inteiros – a destruição de grande parte deste mundo. Estamos deprimidos em parte por ser essa a reação da alma ao nosso lamento e pranto inconscientes. A dor de ver destruídos os arredores de onde me criei, de ter perdido a terra produtiva que conheci quando criança... e a sensação dos mais jovens de que certas coisas pertencem ao passado, pois eles não as conheceram e

jamais conhecerão... tudo o que se perdeu e desapareceu. Porque é com isso que se parece a depressão” (1995, p. 47)

Lembrando Jung, que afirmou que a psique é maior que os seres individuais e o inconsciente coletivo é o mundo que nos rodeia, nos antecede e nos precede, a psique então, é campo ao qual nós pertencemos, e não o contrário. Ou seja, o mundo ao redor, o passado, o futuro, tudo faz parte de mim, de quem eu sou, e eu também faço parte dele. As coisas estão integradas, num sentido psicológico. “A cidade, onde o corpo vive e se movimenta, e onde é tecida a rede relacional, também é a psique” (HILLMAN e VENTURA, 1995, p. 84). Construimos as cidades e habitamos nelas de forma parecida como habitamos em nós mesmos e, tendo ainda em mente a teorização de Jung, quando olhamos para fora, podemos ver o que se passa dentro (e vice-versa). O inconsciente coletivo é o mundo, e nós pertencemos a ele, pertencemos à psique. Ao olharmos as cidades, podemos perceber um caos organizado em si próprio; uma amplitude de ofertas que revela uma eterna insatisfação; uma desconexão e estranhamento entre os indivíduos, que deixam de ser seres humanos para se transformarem naquilo que fazem, e sendo-lhes exigido nada menos do que eficiência e excelência. Isso sem falar na destruição de nossas áreas verdes, nos parques cimentados, nos rios e córregos poluídos, e nos crescentes problemas respiratórios referentes à péssima qualidade do ar. Tudo isso diz do modo como estamos habitando neste espaço, neste território, das projeções no mundo real do que se passa psiquicamente em nós, dessa quebra de laço com o outro e o mundo, na busca – acentuada pelo capitalismo neo-liberal, mas não criada por ele – do projeto próprio, pessoal, de ter uma vida melhor, uma casa própria, um carro, um status, uma posição social, e muitas outras promessas que nos retiram da tarefa de co-existir.

Segundo Hillman e Ventura (1995), hoje em dia, temos a noção de *Self* quase como a de uma divindade interior, a interiorização de um deus, e essa noção vem de nossas tradições protestantes e orientais. Tem raízes teológicas, mesmo que

tenha a intenção de fazer integrar toda a personalidade, e ainda é uma identidade transcendental. Essa noção deve ser revertida. O *Self* deve ser visto como “interiorização da comunidade” (p. 43). Se isso for feito, o mundo mudará radicalmente. A separação entre eu e outro ficará menos gritante.

“Eu estaria comigo mesmo quando estivesse com os outros. E não estaria sozinho quando estivesse caminhando, meditando, ou em meu quarto, imaginando ou trabalhando meus sonhos (...) E os ‘outros’ não incluiriam somente outras pessoas, porque a comunidade, de modo como a vejo, é algo mais ecológico, pelo menos animista. É um campo psíquico. E se não estou em um campo psíquico com outros – com pessoas, prédios, animais, árvores – eu não existo.” (Hillman, 1995, p. 43-44)

Inauguraria-se então, uma nova lei: “*Convivo, logo existo*”. (HILLMAN p. 44)

Nessa mesma linha de raciocínio Hillman e Ventura (1995) propõem que hoje, não temos mais uma raiz. Temos um automóvel que nos leva a qualquer lugar, e quartos de hotel que nos garantem abrigo a qualquer hora. Esse fato faz o lugar onde estamos parecer menos fundamental, menos substancial. Somos transitórios, mesmo involuntariamente, e o somos o tempo todo. A realidade é que sentimos falta de muros, pois agora não somos mais prisioneiros nem do tempo e nem do espaço, antigamente barreiras absolutamente intransponíveis. Com a descoberta de Colombo das Américas isso se iniciou de fato, pois a Europa e outros países do mundo “tinham para onde ir”. Alguns foram voluntariamente, outros foram arrancados. A relação com a própria terra, a própria raiz, se desfez, ficou distante, e essa transposição do espaço logo alavancou a transposição do tempo. Então, o homem pisou na Lua, e todo o Universo ficou muito mais próximo. Hoje, com a ponta do dedo, podemos viajar por espaço e tempo, sem nem sair do conforto de nossas casas (HILLMAN e VENTURA, 1995)

“Era fácil (...) amar o mundo do tempo e espaço rígidos. O mundo era um mundo; ele se mantinha parado o suficiente para termos tempo de

aprender a amá-lo. Mas amar esse estado fluido incondicional, onde o tempo foi encolhido e o espaço foi alongado e condensado para muito além das dimensões racionais – nós queremos amá-lo, temos amor para lhe dar, mas não sabemos como fazê-lo, ninguém sabe (...) A psique humana é uma das grandes forças da natureza, e o que mais assusta nessa tecnologia do tempo-espaço é que *ela nos expõe à força* que existe *dentro de nós* (...) Estamos num mundo que não foi criado por Deus, e sim por nossa psique (...) devemos encarar o fato de que este pode ser nosso hábitat natural. Por bem ou por mal, rompemos a velha rigidez, todos os limites do que pensávamos ser a própria natureza, e não há como voltar atrás. Essa é uma nova natureza. O sonho tornou-se realidade” (p. 124)

Retomando o que vimos no capítulo anterior, os arquétipos são fontes de energia psíquica, que carregam em si um núcleo simbólico, comum a toda a humanidade. Os arquétipos, quando constelados no eixo ego-Self, se tornam imagens arquetípicas, as quais, juntamente com as idéias delas derivadas, exercem uma enorme influência sobre a consciência, seja ela individual ou coletiva. O ego, ao se deparar com uma imagem arquetípica, pode ficar tomado por ela, pois aquela experiência se torna significativa, isto é, é dotada de um *sentido* profundo, o ego se sente conectado a algo. Hoje em dia, podemos perceber que, com a concentração do poder no ego, o arquétipo do herói está constelado na consciência coletiva. O homem tem o poder sobre a Terra e sobre as outras espécies e, na sua busca heróica, necessária ao seu crescimento e desenvolvimento de consciência, tem querido cada vez mais. Tem sede. É só olharmos os jornais e noticiários que aclamam a descoberta de novas jazidas de petróleo, ou lamentam o aumento do preço da gasolina, e os governos dos países que criam mais e mais pacotes desenvolvimentistas. Apesar de sabermos que o planeta não aguentará mais desenvolvimento, que é insustentável queimarmos mais e mais carvão, nós continuamos querendo crescer, ter mais, conquistar mais, numa empreitada que só pode ser caracterizada como heróica. É o que nos diz Lovelock:

“O conceito de Gaia, um planeta vivo, é para mim a base essencial de um ambientalismo coerente e prático. Opõe-se à crença persistente de que a Terra é uma propriedade, um bem imóvel, a ser explorado em benefício da humanidade. Esta falsa crença de que somos donos da Terra, ou seus dirigentes, permite que nos declaremos a favor das políticas e programas ambientais, mas continuemos deixando as coisas como estão. (...) Poucos, mesmo dentre os cientistas do clima e ecologistas, parecem perceber plenamente a gravidade potencial, ou a iminência, do desastre global catastrófico. A compreensão se limita à mente consciente, não despertando uma reação visceral de medo. Falta-nos uma sensação intuitiva, um instinto, que diga quando é que Gaia corre perigo.” (2006, p. 130)

Essa ausência de um “medo visceral” nos dá a pista de que ainda não fomos tomados pelo arquétipo referente ao cuidado à Terra. Ele existe, e está constelado em algumas pessoas, mas não podemos dizer que está na consciência coletiva. Esse tipo de atitude, desenvolvimentista e consumista, presente em nossa sociedade atual, indica que ainda estamos ligados a essa sede de poder, à conquista. O que roga Lovelock – sem saber, de uma maneira junguiana - é que sejamos tomados por esse arquétipo, de maneira a nos conectarmos com a Terra, que ele esteja presente para podermos sentir dentro de nós essa necessidade, e não ela estar presente apenas de maneira consciente, intelectual. Que a sintamos não apenas na mente, mas também no coração.

A idéia seria que, ao nos depararmos com as mazelas e os danos causados à Terra, sejamos tomados por um complexo positivo carregado de carga afetiva, que tenha em seu núcleo o arquétipo da Grande Mãe, numa conexão estreita com a relação do homem com a terra. Primeiro esse complexo deveria ser ativado, para depois ser elaborado e integrado à consciência, para finalmente se traduzir em nossas ações, tanto as grandiosas, quanto as meramente cotidianas. Mas, como psique é pessoal, mas é também coletiva, de toda a humanidade, e a *sincronicidade* nos lembra que os eventos internos e externos estão intimamente ligados, creio que o tempo desse arquétipo se constelar na consciência no sentido

da relação positiva Homem-Natureza ainda não chegou de fato, mas nem por isso, deixa de dar sinais de sua existência. Ele está aí, sem dúvida, sempre esteve e sempre estará, posto que é um arquétipo, e posto que está nos domínios da consciência humana. No entanto, não se constela com forte carga afetiva, e não está presente no dia-a-dia humano de maneira incisiva. Reforço que isso em termos coletivos, pois sem dúvida essa consciência existe para alguns.

A responsabilidade pelo que acontece no mundo é de todos nós, mas isso não se configura assim.

“This model has application to global environmental degradation: although neither you nor I may be directly or causally responsible, say, for the deforestation taking place in the Napa Valley to make way for more vineyards or in the state of Washington to produce building materials and paper products, we do bear some responsibility through our consumption of wine, wood and paper” (SABINI, 2002, p. 15)²²

Através dessas considerações, podemos ter um panorama da situação Homem – Natureza, tal como ela se configura nos dias atuais, a partir de uma perspectiva psicológica. Mas restam ainda muitas perguntas. O que existe hoje, em termos de consciência coletiva, de movimentos na direção de um relacionamento harmônico com a Natureza? Existe esperança? O homem é passível de se dar conta desses problemas, e agir? São essas questões, e outras nesse espectro, que pretendo explorar nos capítulos a seguir.

²² Tradução caseira: “Este modelo tem aplicação na degradação ambiental global: apesar de nem você nem eu sermos diretamente ou causalmente responsáveis, digamos, pelo desflorestamento acontecendo em Napa Valley para dar espaço a mais vinícolas ou no estado de Washington para produzir materiais de construção e produtos de papel, nós carregamos sim alguma responsabilidade, através de nosso consumo de vinho, madeira e papel.”

Capítulo 4 – Ciclo da Alteridade e Ciclo Cósmico

“(…) que modalidades especiais de percepção, sentimento e comportamento resgatarão a noção de significado e unidade entre o mundo e o homem, superando a alienação da mente moderna, dando-nos rituais de controle da agressão e proporcionando-nos assim uma nova ética?” (WHITMONT, 1991, p. 169)

Este capítulo pretende aprofundar os conceitos referentes ao Ciclo da Alteridade e Ciclo Cósmico, aplicando e articulando as teorizações dos autores no panorama da crise ambiental. No próximo capítulo, proponho um exemplo de um movimento ecológico, que pode ilustrar esse caminho que percorremos em direção ao Ciclo da Alteridade.

- O CICLO DA ALTERIDADE

Este é o terceiro ciclo da consciência, onde o ego ruma ao desenvolvimento do potencial de relação plena com o Outro, e também com sua individualidade. “A polaridade Eu-Outro busca ocupar o centro da consciência” (BYINGTON, 1987, p. 68). Segundo Byington, é uma busca da troca com o Outro em todas as dimensões, seja homem-mulher, seja Eu-Natureza. Ele nos diz que o ciclo da alteridade recebe a coordenação dos arquétipos da *anima* e do *animus*, pois eles sintetizam a relação da diferenciação das polaridades. Nesse sentido, ele se encontra com Whitmont, como pudemos ver no capítulo anterior, e propõe a própria polaridade desse arquétipo. É a forma como se vive esse símbolo, que é dinâmico, não-estático, que o determina, e que então contém em si tanto masculino quanto feminino.

“No dinamismo de alteridade, a individualidade caminha para se diferenciar plenamente na medida em que o Eu se torna capaz não só de se afirmar como também de considerar a posição do Outro, a ponto de poder com ele se relacionar dentro da mutualidade. O Eu adquire a possibilidade de abrir

mão da segurança que encontra dentro dos seus limites e de empatizar com a realidade do Outro, valorizando-a da mesma forma que a sua”. (BYINGTON, 1987, p. 71)

É somente ao atingirmos esse ciclo tanto na consciência individual quanto na consciência coletiva, essa maturidade psicológica que compreende tanto a verdade do Outro como as necessidades do ego, que poderemos re-estabelecer um pacto mútuo com a Natureza, uma relação onde o meio-ambiente será um Outro, e deve ser respeitado por sua existência em si, com suas verdades, necessidades e ritmos. Mas isso é algo que não se pode ensinar, não pode ser patriarcalizado e se tornar uma regra moral. Se for assim, não expressa o dinamismo da alteridade.

“(...) o ciclo da alteridade não propicia simplesmente a consciência da relação igualitária e criativa com o Outro. Esse relacionamento é propiciado em função da *consciência do todo* (...) O todo é vivenciado através do Outro e, ao mesmo tempo, é essa vivência do todo que dá ao Eu a consciência da importância do Outro” (BYINGTON, 1987, p. 72).

Fica então patente que nesse dinamismo o desenvolvimento individual e o desenvolvimento coletivo andam de mãos dadas. Sua inter-relação é inexorável. Nele, ambas as consciências desenvolvem seu potencial máximo, tanto da compreensão da individualidade, quanto da compreensão da relação Eu-Outro. Segundo Byington, instaura-se a “noção de bipolaridade dos símbolos” (1987, p. 74). As coisas se tornam relativas, pois cabe dentro delas as polaridades, os opostos e a complementaridade. Caem as verdades absolutas, tão perniciosas a qualquer desenvolvimento humano mais profundo. O Outro passa a ter lugar tão primordial quanto o Eu.

“A vida não é mais vista como algo compartimentalizado em dentro-fora, bom-mau, belo-feio, como acontece nas culturas androlátricas. Pelo contrário, revela-se como uma profundidade viva de equilíbrios sempre em

movimento de tensões e descontrações, conduzindo a uma transformação constante da criação e da destruição (...) A meta do novo ego será viver plena e conscientemente as experiências de medo, destrutividade e destruição, tanto quanto as experiências de amor, alegria, prazer e sucesso. Não devemos lutar contra tais dinamismos nem expressá-los compulsivamente, mas vivenciá-los meditativamente, nos planos psíquico e somático, ao mesmo tempo em que lhe conferimos espaço e consideração." (WHITMONT, 1991, p. 206-207)

Neste padrão de consciência, qualquer manifestação de super-valorização de um pólo logo trará o seu oposto. Podemos pensar isso traduzido no mundo de hoje, que super-patriarcalizado, demonstra manifestações do padrão matriarcal inferiorizado, tais como a excessiva liberdade e exposição sexual, e o hedonismo. Isso quer dizer que o padrão de alteridade já dá sinais de sua presença na consciência, e a isso devemos prestar atenção.

Whitmont (1991) propõe que vivenciemos plenamente todas essas experiências, tanto as de amor, alegria e prazer, quanto as de destruição e medo. Devemos deixar esses dinamismos virem à tona, devemos respeitá-los, dar-lhes espaço, tanto na psique quanto no corpo, para que possamos integrá-los à consciência, e nos tornarmos seres generosos, com o mundo e com nós mesmos.

A proposta então, é a de aceitar nossos deuses e nossos monstros internos, para assim alargarmos nossa capacidade de percepção e consciência, e podermos receber o Outro como parte constituinte deste todo. Só assim a Natureza, que é natureza externa, mas também é interna (os deuses e os monstros habitam lá fora e aqui dentro), fará parte deste todo de sentido. Respeitando os deuses e monstros de dentro, respeitaremos também os de fora.

- O CICLO CÓSMICO

Este ciclo, o último dos quatro, é alcançado quando a consciência funciona num padrão unitário. Não existem mais polaridades, bom e mau, claro e escuro, certo e errado. Segundo a alquimista Maria Prophetissa "o *um* se transforma no

dois, o *dois* no *três* e o *três* no *quatro*, que é novamente o *um*” (apud BYINGTON, 1987, p. 81). É uma relação direta do eu com o arquétipo central, isto é, o Self. Byington nos adverte para o perigo de acreditar que neste ciclo há uma morte do ego ou da consciência. Estes continuam existindo, posto que são estruturas arquetípicas, e é através delas que nos é possível contemplar o mundo.

“No ciclo cósmico a consciência se relaciona diretamente com o arquétipo central e, por isso, seus símbolos geralmente são expressões da totalidade (...) Os símbolos (...) se referem à vivência unitária do processo, ao seu significado global e último (...) Transcendem-se as polaridades, e a vivência é do sentido global do todo, daí sua característica de luz permanente” (BYINGTON, 1987, p. 82).

Byington nos ensina que, por mais que seja um padrão de consciência possível de ocorrer em qualquer fase da vida, ele é mais dominante ao final de nossa existência, pois a aproximação da morte estimula a busca por símbolos de totalidade. O ser humano tem uma necessidade de explicar e elaborar suas vivências, e com a experiência do fenômeno da finitude, a consciência se expande para tentar capturar o sentido global de todo o processo.

Vivemos um momento crucial da existência humana. Todos os que habitam esse mundo, e estão atentos aos fenômenos (individuais ou coletivos) percebem que as coisas andam estranhas. As Leis são confusas, os modelos de beleza são cada vez mais perversos, e a Natureza, os espaços naturais, estão cada dia encolhendo mais. Estamos num momento de morte de muitos padrões, de muitas certezas, arraigadas há séculos. O homem percebe como nunca a sua finitude, e ao mesmo tempo, faz de tudo para combatê-la, evitá-la e negá-la. Creio que nos aproximamos de um momento propício para o surgimento de símbolos desse ciclo da consciência. É possível que só atinjamos um relacionamento de respeito e integração pleno com a Natureza quando esse ciclo se apresentar mais concretamente na consciência, pois ele proporciona o sentido do todo, e em última análise do todo que somos como seres humanos – Natureza, algo indissociável, impossível de separar; um entendimento cósmico dessa relação.

- O MITO ATUAL

Whitmont (1991), ao analisar o mundo contemporâneo, tenta se aproximar de algum mito que traduza o estado da consciência coletiva. Ele se centra no motivo da pesquisa e da descoberta, seja ela dos mistérios da Natureza, ou do nosso próprio Eu, e por isso elege como mito reinante, o mito do *Graal*. É muito difícil achar o mito numa versão única, existem inúmeras, mas o que importa é o seu sentido simbólico e psicológico. Segundo Whitmont,

“O *Graal* é um recipiente fabuloso, um manancial da vida, de águas geradoras e restauradoras: pedra milagrosa (...) Está sob a guarda de uma deusa ou de uma bela donzela. É protegido por cavaleiros heróicos, dentro de um castelo mágico, numa terra *longínqua*, o paraíso, a terra dos espíritos, ou das fadas. Como caldeirão ancestral, renova a vida e recupera a juventude. É a fonte inesgotável de alimento e sustento, de alegria, prazer, celebrações (...) O *Graal*, seu castelo e seus guardiães foram enfeitiçados devido a um ato de desrespeito (...) Em consequência disso, o *Graal*, seu castelo e seus guardiães são enfeitiçados e colocados fora do alcance humano. O Rei sofre, mas não pode morrer. A peste ataca as terras. As águas não correm mais. Alimentos deixam de crescer. Instaure-se a Terra estéril (...) O herói buscador é ansiosamente aguardado, pois é ele quem irá desfazer o encantamento (...) O herói deve conquistar tudo isso fazendo a pergunta mágica que, em várias versões aparece como ‘A quem se serve através do *Graal*?’ ou ‘Qual o sentido *disto*?’ (grifo meu)” (WHITMONT, 1991, p. 174-175)

Esse é um mito que pode nos ajudar muito a pensar na nossa relação com a Natureza no mundo atual. A fonte da vida é inesgotável, a Natureza é Mãe e provedora, mas por um ato de desrespeito, tudo fica estéril, morto, sem mais nutrir. Desrespeitamos a Natureza e seus mistérios, retiramos a alma das coisas, ficamos maquinados, racionais e frios. No entanto, o *Graal* não foi perdido. Está enfeitiçado, escondido, fora do nosso alcance. Ele pode ser resgatado através da descoberta do Feminino, do encontro com a deusa ou a donzela virgem. E ele

deve ser resgatado através da pergunta sobre o *sentido*, através da busca pelo *sentido*, da busca pela *alma*.

O isolamento do Graal traduz o isolamento do ser humano, a alienação de si próprio, num mundo tecnocrata, cheio de doenças incuráveis, localizado numa terra exaurida, num deserto. Num sentido paralelo, as mulheres também foram reprimidas, retiradas de seu direito à individualidade, num mundo regido pelos homens e pelos valores masculinos. As mulheres precisam se libertar, e o Feminino, a *anima* dos homens também. É só por essa via que poderemos renovar vida e espírito. “O caminho que leva a essa nova era é o objeto da busca do homem, e poderá ser encontrado pelas pesquisas que se dirigem aos segredos ocultos da natureza e da mente” (WHITMONT, 1991, p. 172).

O Graal é o símbolo do ciclo da alteridade, pois é o recipiente da Deusa, que contêm o sangue de Cristo. E ele só será resgatado através da busca do homem por ele, do esforço do herói para reavê-lo, que só acontecerá através da formulação da pergunta “qual o sentido disso?”.

Antes, na era do matriarcado, vivíamos sob o signo da Deusa, onde não existia punição nem castigo. Todos faziam tudo pelo bem do coletivo. No patriarcado, rege a obediência a Leis impostas de fora, e a Terra não mais provê alimento e frutos em abundância. Esse é o deserto no mito. Ele propõe a tendência oposta do patriarcado, que é o resgate do paraíso perdido, da integração mágica com a Natureza, e isso deve acontecer através “da recuperação do manancial e de suas virgens, quer dizer, do mundo da deusa, fazendo-se a pergunta e/ou beijando a donzela feia”²³ (WHITMONT, 1991, p. 177).

O autor nos lembra que é muito importante reconhecer que quando um mito se faz presente, ele contém tanto possibilidades criativas, quanto um potencial regressivo. Isso não é algo que dependa do mito em si, mas da atitude da consciência coletiva perante a ele. Quando um mito surge na consciência ele deve ser integrado, para que ela possa se alargar e dinamizar seu potencial criativo. Se isso não ocorre, por uma série de fatores ligado a resistências, a enorme energia

²³ Em uma das versões do mito, o herói deve beijar uma donzela feia, que na verdade era uma princesa enfeitiçada, para que, provando sua gana e seu merecimento, pudesse chegar ao Graal.

do arquétipo aparece de forma regressiva, primitiva e destrutiva, pois ele clama por elaboração. Aí surgem as neuroses, paranóias e obsessões, tão presentes se pararmos para olhar ao redor.

Em todos os lugares em que transitamos, a busca do *sentido* se faz patente. Na política, na ciência, nas artes, na psicologia. Resistimos a aceitar essa busca, que deve ser feita por todos, mas também por cada um, dentro de si. Acreditamos então em tiranos e populistas, que clamam ter a verdade, e o caminho pra chegar até ela. É mais fácil assim, seguir alguém que parece já ter vislumbrado, do que tentar vislumbrar por conta própria. No entanto, por esse caminho, não deixamos de sentir o vazio, a inquietação da falta de algo. Consumimos desenfreadamente, trabalhamos muito, e não temos tempo de ficar sem fazer nada, conosco mesmos, porque esse tempo trará o vazio. Superpopulamos as cidades, compramos muito, queremos cada vez mais. E isso exaure a Natureza, tira cada vez mais dela, e não repõe o que foi tirado, nem no sentido concreto, nem no sentido simbólico. Esse é um exemplo do cerne energético do arquétipo emergindo de forma obsessiva, onde por não alcançarmos o *sentido*, “comemos” cada vez mais da Natureza, numa ânsia desesperada de que isso nos preencherá. No entanto, se olharmos de perto, estamos dando nossa própria sentença.

Sobre a pergunta mencionada:

“Na maioria das histórias do Graal, uma pergunta deve ser formulada para que as águas possam novamente fluir e a Terra deserta seja redimida. É significativo porém que, embora a importância da pergunta seja várias vezes enfatizada, quando ela é finalmente enunciada, não vem resposta alguma (...) O que importa de fato é o perguntar em si, independentemente do que a resposta possa significar, e até de se existe mesmo alguma resposta (...) Só na dimensão individual é que se podem descobrir algumas respostas, não apenas perguntando, mas, mais do que isso, vivendo e sofrendo a pergunta” (WHITMONT, 1991, p. 193)

É somente vivendo e sofrendo a crise ambiental, no corpo e na alma, que poderemos encontrar as respostas.

“Fazer a pergunta também implica admitir que a posição eventualmente sustentada pela pessoa, ou seja, a posição egóica de objetificação, e a confiança na regra superegórica e no controle ‘racional’ da cabeça são insatisfatórias e estéreis (...) Confrontar a força devastadora de Dionísio, o caçador demoníaco, a mãe escura que está aquém, oferecer-se para ser decapitado, são dinamismos que implicam uma renúncia, pelo menos temporária, ao controle ‘da cabeça’” (WHITMONT, 1991, p. 194).

Isso quer dizer que não é pela via racional que vamos adquirir uma nova consciência de nós mesmos, dos outros e do mundo. Não é a ação que importa, mas num sentido psicológico, o modo como vivenciamos a experiência, e o alargamento da consciência que decorre disso.

Hillman dá a sua contribuição, acrescentando uma dimensão política ao processo de aquisição de uma nova consciência:

“A kenosis²⁴ apresenta o vazio sob nova luz. Valoriza-o. Diz que o ‘protesto vazio’ é a via negativa, a forma não positiva de entrar na arena política. Você confia na sua indignação, mas não se esforça para encontrar as respostas. Confia em seu faro. Sabe o que cheira mal. Mas não procura substituir a frustração irremediável que sente, a vitimização impotente, por uma resposta racionalmente elaborada. As respostas virão, quando vierem, para você e para os outros, por isso é melhor não preencher o vazio de protesto com sugestões positivas antes do tempo. Primeiro proteste! Eu não sei o que se deve fazer com os principais dilemas políticos, mas minhas vísceras (minha alma, meu coração, minha pele, meus olhos) estão se encolhendo, arrepiam-se, fervilham, soluçam e tremem. Está errado, totalmente errado o que está acontecendo.” (1995, p. 105)

²⁴ Kenosis - “significa esvaziamento, é encontrado no Novo Testamento como o esvaziamento de Jesus, está relacionado a sua divindade, mais precisamente ao deixar de lado seus atributos divinos sem perder sua natureza divina” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kenosis>)

Capítulo 5 – Um exemplo do Ciclo da Alteridade nos dias de hoje

Vimos então que existe um terceiro ciclo arquetípico: o da alteridade, um salto qualitativo em relação aos dois dinamismos anteriores, o matriarcal e o patriarcal. Existe também um quarto, Cósmico, que também já dá indícios de sua aparição. Ainda não sabemos ao certo como se dará essa articulação, porque em termos de psique, nada pode se prever, e não conseguimos ter um absoluto conhecimento sobre um padrão de consciência que ainda não atingimos. No entanto, ele será algo que sintetize o que a consciência já apreendeu até então. Vale lembrar que os ciclos existem em todos nós, e estão no mundo numa medida ou outra, mas em termos de consciência coletiva, esses dois últimos ainda são mais discretos que os dois primeiros. No entanto, já existem.

Em termos de Natureza, a presença deles pode ser muito positiva. Se pudermos juntar nosso pertencimento ao natural, a indissociação e a sensualidade, à nossa habilidade em dissecar, estudar, planejar e classificar, podemos ter um grande avanço nessa relação com a Terra. Se além disso, pudermos ter vivências simbólicas mais globais, e a noção de um cosmos além da existência simplesmente humana, do espaço de uma vida, também será uma grande evolução. Esperamos que assim seja, inclusive para nossa própria sobrevivência.

Os movimentos ecológicos, a preocupação com a crise, com o que se come e se consome, já são manifestações de um caminho para um outro nível de relação, para um resgate do contato com a Natureza.

Creio que para estudar o movimento na direção de uma relação harmoniosa nossa com a Terra, e como a consciência coletiva lida com essas questões na atualidade, seja interessante, a título de exemplo, ilustrar com uma dinâmica, algo criado por nós, e que possa refletir a emergência do ciclo da alteridade em nossas vidas. Lembrando que trata-se de “responder de uma maneira responsável e criativa ao desafio e às limitações, e não com atuação compulsivas fatalistas e auto-permissivas” (WHITMONT, 1991, p. 226), temos de abrir as vias da criatividade e elaborar novas formas de enfrentar as dificuldades. É o caso de um

movimento criado recentemente na Austrália, que está se espalhando pelo mundo, inclusive o Brasil: a Permacultura, uma “filosofia prática” de cuidado e ocupação sustentável do planeta.

Segundo Bill Mollison, um dos criadores da Permacultura:

“Se somos produtores ou consumidores de comida, nosso futuro está ligado à fonte disto – os recursos naturais da terra, que estão diminuindo. Em vez de aceitar o declive da fertilidade do solo, os desertos se expandindo e a poluição química de nossa comida, a permacultura se foca nas soluções positivas: como podemos desenhar assentamentos humanos sustentáveis e assumir novamente o controle de nossas vidas” (MOLLISON apud MORROW, 1998)

Desenvolvida na década de 1970 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, a Permacultura foi uma resposta alternativa ao sistema tradicional de cultivo e ocupação do solo, que polui o ar, as águas e a terra. Inicialmente era voltado à agricultura, e seu objetivo era a criação de uma Agricultura Permanente. Depois, reconhecendo a necessidade de criar um conceito mais amplo, abrangente de toda a atividade humana, a Permacultura evoluiu para um “sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis” (<http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/>), ou seja, a busca por uma Cultura Permanente (daí seu nome), que compreenda aspectos socioeconômicos, ambientais e acima de tudo, éticos.

Ela é um sistema que tem suas premissas apoiadas na Ecologia, isto é, estuda as inter-relações e inter-dependências dos organismos em seus ambientes. É uma maneira de ocupar o ambiente respeitando seus ciclos, seus limites e suas potencialidades. Os ecologistas formularam um conceito chamado “imperativo ecológico”, que diz que os humanos também, tanto quanto todas as outras espécies, são parte integrante dos ecossistemas e devem portanto reconhecer suas inter-relação e inter-dependência. A Permacultura é justamente uma tentativa nesse sentido, de integrar sociedades humanas à ecossistemas sustentáveis (MORROW, 1998).

No seio da concepção de Permacultura, está o *design*. Este seria uma espécie de desenho do ambiente, uma solução encontrada para o espaço que tenha como fundamento a apurada observação. Os permacultores experientes propõem que antes de se pensar o que fazer, observe-se. Observe os cheiros e os sons do ambiente ao redor de você. O tamanho, a disposição das coisas, as posições do sol em relação ao lugar que você ocupa. Assim, tendo total dimensão do ambiente e de todas as dinâmicas que nele ocorrem, você poderá pensar em soluções para torná-lo mais integrado e sustentável. Esta concepção propõe:

“... trabalhar com a natureza e não contra ela... de observar os sistemas e suas funções, ao contrário de esperar somente um produto destes, além de permitir que o sistema demonstre suas próprias evoluções”
(MOLLISON, apud MORROW, 1998)

Num sentido prático, ela propõe a otimização dos espaços, isto é, uso intensivo da terra, em pequena escala, sistemas de captação e re-utilização de água, re-utilização do lixo (que eles preferem chamar de “matéria-prima”), sistemas de agroflorestas²⁵, entre muitas outras iniciativas. Existe ainda a chamada Permacultura Social, que expande esses conceitos a todas as áreas humanas e busca desenhar também sistemas de transporte, educação, saúde, industrialização, comércio e finanças, distribuição de terras, comunicação e governança, entre outros, para criar sociedades prósperas, cooperativas, justas e responsáveis.

Creio ser importante para a compreensão da Permacultura em nosso presente trabalho, dizer que seus criadores buscaram seus princípios éticos nas tradições indígenas, que são por sua vez orientados pelas lógicas de cooperação e solidariedade.

“A ética da Permacultura serve bem para iluminar nossos esforços diários de trabalho com a natureza a partir de observações prolongadas e

²⁵ Floresta de alimentos. Espaço ocupado por árvores e arbustos que dão frutos, agregando benefícios para todo o ecossistema, inclusive para o homem.

cuidadosas, com base nos saberes tradicionais e na ciência moderna, substituindo ações impensadas e imaturas por planejamento consciente” (MOLLISON citado em <http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/>)

Seu sistema ético pode então ser resumido em quatro itens: cuidado com a Terra, cuidado com as pessoas, distribuição dos excedentes e redução do consumo (MORROW, 1998).

No Brasil, a Permacultura surgiu em 1992, a partir de uma conferência de Bill Mollison, realizada no Rio Grande do Sul. Segundo a Rede Permeear, a Rede de Permacultores do Brasil, a Permacultura hoje já atingiu as esferas governamentais. Este ano, cerca de 1.300 jovens do Distrito Federal e municípios do entorno serão capacitados para trabalhar com os princípios da Permacultura e criar redes de empreendimentos agroindustriais. O projeto é da Agência Mandalla DHSA e tem financiamento do Ministério do Trabalho e Emprego (<http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/>).

Segundo eles ainda, existem oito institutos de Permacultura no Brasil, atuando de diversas formas. Existe a RBP, Rede Brasileira de Permacultura (IPAB, em Santa Catarina, IPA, no Amazonas, IPEC, em Goiás e IPEP, no Rio Grande do Sul), que funcionam como centros de pesquisa, formação e demonstração de tecnologias apropriadas, com apoio financeiro da PAL – Permacultura América Latina.

A ação institucional do IPAB está voltada para pequenos agricultores e tem a parceria de sindicatos, prefeituras, ONGs e movimentos sociais. Os sistemas permaculturais fomentados pelo IPAB estão nas Unidades de Produção Familiar. O instituto atua também na multiplicação de conhecimentos em Permacultura através do Projeto de Formação de Professores.

A exemplo do IPAB, o Instituto de Permacultura da Bahia (IPB), o Instituto de Permacultura Cerrado Pantanal e o IPEMA (Instituto de Permacultura da Mata

Atlântica), possuem projetos sociais e muitos parceiros. A título de ilustração, é citado o Projeto Policultura no Semi-Árido, implantado no sertão da Bahia, atendendo hoje 700 famílias de pequenos agricultores. Com o apoio do IPB, as famílias estão desenvolvendo sistemas agroflorestais e garantindo para si segurança alimentar, trabalho e renda. O projeto ajuda os sertanejos a combater a desertificação e conviver harmoniosamente com a caatinga.

O IPOEMA (Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente), no Distrito Federal, que é o mais novo entre os institutos brasileiros, vai atuar fortemente no atendimento a comunidades locais e tradicionais, além de trabalhar com pesquisa e formação de novos permacultores.

Escolhi falar da Permacultura como exemplo de um movimento em direção ao estabelecimento de um novo paradigma ecológico, pois acho que ela representa muito bem o ciclo da alteridade. Primeiro, por ter suas premissas baseadas na Ecologia, que busca entender o ser humano como parte altamente intrincada dos ecossistemas, isto é, mais um fio de uma longa teia. Assim sendo, ela compreende a dimensão Eu-Outro como poucas filosofias, e respeita o ambiente com todo seu funcionamento, tentando encontrar soluções para que o ser humano possa fazer parte deste, como mais um elo da cadeia, sem nem tirar nem depositar demais. Busca o equilíbrio pleno e talvez, ambiciosamente, superar a dicotomia Homem-Natureza. Em segundo lugar, creio ser a Permacultura bastante ilustrativa pois une as culturas tradicionais, da terra, os saberes mais simples e profundos daqueles que observam a Natureza, com a tecnologia e a alta capacidade criativa da ciência moderna que, se utilizada conscientemente, e visando todos esses princípios que discutimos, pode ser muito útil na preservação de nosso planeta. Nesse sentido, a Permacultura seria um exemplo (apenas um, de muitos outros) do surgimento do ciclo da alteridade em nossas mentes, e mais do que isso, em nossas ações.

O ciclo cósmico também pode ser citado como de alguma maneira articulado com o movimento, pois a Permacultura busca uma unidade, uma

superação dessa barreira que estabelecemos entre Natureza e Cultura. Como somos seres capazes de criar Cultura, achamos que não pertencemos mais à Natureza, que essas dimensões são necessariamente diferentes e separadas. A Permacultura tenta fazer um resgate dessa visão, uma integração entre essas duas esferas, e mostra que é possível ver o global, trabalhar no todo e re-unir o que por muitos e muitos anos esteve separado (sem na verdade, nunca ter sido).

Lembrando o papel da estética, também muito presente nos desenhos permaculturais, sempre cheio de cores, plantas e flores, termino com uma frase de Hillman:

“(...) todos sabemos que nada move mais a alma que o salto estético do coração que vê uma raposa na floresta, um rosto adorável, o som de uma melodia. Sensação, imaginação, prazer e beleza são coisas pelas quais a alma anseia e que, no fundo, sabe que podem curá-la” (1995, p. 131)

Será esse exemplo um caso isolado que ilustra uma maneira diferente de lidar com a Terra? Ou será um indício de um movimento em direção a outros padrões de consciência? É de fato, uma pergunta sem resposta. Penso que esta caiba a cada um, sabendo no entanto, que aquilo em que escolhemos acreditar reflete aquilo que somos - o que projetamos para o futuro, e que caminhos escolhemos para chegar até ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é um ser dinâmico. Temos uma capacidade extraordinária de renovação. Creio nessa capacidade e acredito que ela é inexorável.

Os arquétipos, como potencialidades presentes em todos, são energia bruta, e como tal, podem ser lapidadas, traduzidas e manifestadas de acordo com as possibilidades e movimentos do mundo. Temos o arquétipo materno expresso como o da fonte, do seio inesgotável, nos dias atuais. Mas isso não é estanque, não é verdade atemporal. Temos que renovar essa leitura, e isso é sim possível, pra não dizer inevitável. Sem dúvida, temos que nos deparar com essa realidade, mas sem esquecer que Natureza é psique, e psique é Natureza, ou seja, tanto quanto respeitar o ritmo da Natureza é de importância fundamental, respeitar o ritmo da psique, do eterno movimento entre as forças conscientes e inconscientes, também é essencial. Isso não quer dizer ficar parado, esperar a vida passar e as coisas acontecerem, passivamente. Somos seres ativos, que com suas decisões fazem a História. Mas não sozinhos, nunca sozinhos. Entender a sincronicidade é se abrir aos eventos do mundo de dentro e do mundo de fora, ter sensibilidade para captar os sinais, e ser tomado por eles.

O ser humano é um ser múltiplo. Todos temos em potencial os quatro ciclos da consciência em nós: matriarcal, patriarcal, da alteridade e cósmico. Hoje, neste momento, temos pessoas vivendo nos quatro padrões. Cada um de nós também ativa diferentes dinamismos em diferentes situações da vida. Essa multiplicidade de respostas é o que nos faz humanos. Isso não é nem bom nem ruim, e pode ser negativo ou positivo. Somos seres pertencentes ao todo, à Gaia, e nossa inteligência, força e multiplicidade pode ser algo bom e ruim pra ela. Podemos usar toda essa potência de maneira criativa, a integrar e desenvolver ao máximo o que dispomos. Promover desenvolvimento humano, ao invés de econômico, fazer arte ao invés de guerra, descobrir novas tecnologias de resgate da biodiversidade ao invés de tecnologias destrutivas desta. A potência está aí, é arquetípica, humana, mas o que fazemos com ela quando conscientes dela, é escolha.

Jung nos ensina que o inconsciente coletivo liga tudo que é vivo e pulsante na Terra, então sabendo ou não, estamos conectados uns aos outros, e a todas as formas de vida no Planeta, hoje e sempre. Acho isso muito bonito e muito profundo, e talvez a postulação mais generosa de toda a teoria junguiana. *Estamos inexoravelmente ligados a tudo que é vivo na Terra.*

Vivemos num momento de tensão. Isso é difícil, e para muitos, um caminho sem volta. Mas não devemos esquecer que é na tensão entre opostos que surge um novo símbolo. Qual será, para que e para quem, isso ainda está por ser descoberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYINGTON, Carlos. Desenvolvimento da Personalidade - Símbolos e Arquétipos. São Paulo. Editora Ática, 1987.

CAMPBELL, Joseph. As máscaras de Deus: Mitologia Ocidental. São Paulo. Editora Pallas Athena, 1964.

DAWKINS, Richard. O Gene egoísta. Editora Itatiaia. 2001

ELIADE, Mircea. O sagrado e o Profano. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992.

HILLMAN, James e VENTURA, Michael. Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior. São Paulo. Editora Summus, 1995.

HIRATA, Ricardo Alvarenga. As Raízes do Paradigma Ecológico Junguiano. Junguiana, v. 24, p. 39-48, 2006.

JUNG, C.G. Fundamentos de Psicologia Analítica, Editora Vozes, 1985

JUNG, C.G. Psicologia do Inconsciente, Editora Vozes, 1987

JUNG, C.G. Memórias, Sonhos e Reflexões. São Paulo. Editora Nova Fronteira, 1961

JUNG, C.G. Estudos Psiquiátricos. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1993

JUNG, C.G. Estudos Experimentais. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1995

LOVELOCK, James. A Vingança de Gaia. São Paulo. Editora Intrínseca, 2006

MAESTRO, Maria da Penha Kopernick Del. A Percepção do Sagrado na Educação Ambiental: uma abordagem completa e transdisciplinar. Vitória - Espírito Santo, 2007.

MARIOTTI, Humberto. A Árvore do Conhecimento – as bases biológicas do conhecimento humano. São Paulo. 2000.

MORROW, Rosemary. Permacultura Passo a Passo. 1998

PESSINI, Leo e BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. Problemas atuais de Bioética. Editora Loyola, 2005.

SABINI, Meredith. The Earth has a Soul – The Nature Writings of C.G. Jung, Editora North Atlantic Books, 2002

SILVEIRA, Nise da. Jung, Vida e Obra, Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1997

STEIN, Murray. O Mapa da Alma. São Paulo. Editora Cultrix, 1998.

VON FRANZ, Marie Louise e HILMAN, James. A Tipologia de Jung. São Paulo. Editora Cultrix, 1990

WHITMONT, Edward C. O Retorno da Deusa, São Paulo. Editora Summus, 1991

<http://www.ipcc.ch/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kenosis>

<http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/>